



EDUCAÇÃO CRISTÃ – COLETÂNEA –

Ideias – Pensamentos – Conceitos – Artigos

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.” (2Tm 2.15)



Paulo Raposo Correia

20/07/2022

Nota Explicativa

Este trabalho foi elaborado principalmente com o emprego de material coletado nas minhas participações em alguns eventos, tais como: Congressos, Seminários, Encontros de Professores, Cursos, dentre outros.

Considerando que tal material tem o seu valor e potencial de orientar professores e líderes da EBD achei oportuno realizar uma revisão superficial e atualização do formato, sem alterar a essência do texto original, com o propósito de torná-lo disponível para quem desejar utilizá-lo.

Presb. Paulo Raposo Correia

.....

“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” (Pv 22.6)

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” (2Tm 3.16-17)

Edição Revisada JUL/2022

Sumário

1. FORMANDO NOVOS PROFESSORES NA SUA COMUNIDADE.....	4
2. ENSINANDO OU APRENDENDO?.....	7
3. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ	11
4. CARACTERÍSTICAS DO FACILITADOR (PROFESSOR) E DE SUA AULA	18
5. O PROFESSOR MOTIVADOR	21
6. ATIVIDADE CENTRADA NO EDUCANDO.....	25
7. PLANEJAMENTO.....	32
8. PROFESSOR HABILITADO, PROFESSOR COMPETENTE.....	39
9. AULA: MEIOS DE ENSINO	41
10. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 1).....	42
11. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 2).....	46
12. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 3).....	48
13. EDUCAÇÃO E QUALIDADE	52
14. ANOTAÇÕES DE PALESTRAS	71
14.1 MOTIVAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO NO ENSINO DA EBD	71
14.2 UMA DIDÁTICA PARA A EBD.....	73
14.3 O SUPERINTENDENTE EFICAZ.....	75
14.4 A CRIANÇA E A ESCOLA, NO SÉC XXI.....	76
15. FRASES	77
16. AVALIAÇÃO (Modelo)	78
Modelo de formulário para avaliação de Encontro de Professores da EBD.....	78

1. FORMANDO NOVOS PROFESSORES NA SUA COMUNIDADE

Introdução

Rev Ricardo Agreste
(30/04/2001)

Duas questões norteadoras:

1. Qual o *alvo* da educação cristã? Informação ou Transformação?

“Toda a Escritura é inspirada por Deus

- *e útil para o ensino, (informação correta e preventiva)*
- *para a repreensão, (informação correta em admoestação)*
- *para a correção, (exercício decorrente da admoestação)*
- *para a educação na justiça, (exercício decorrente da prevenção)*

a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. (2Tm 3.16-17)

2. Qual o *método* coerente ao nosso alvo?

Modelo convencional x Modelo bíblico?

O modelo convencional baseia-se na concepção de que se nossos alunos receberem a informação correta eles estarão qualificados para procederem da forma correta.

O modelo bíblico baseia-se na estratégia de Jesus de comunicar aos seus discípulos conceitos através de sua própria vida e incentivá-los a imitá-lo de forma gradual e espontânea, fazendo deles ensinadores do Reino.

Proposta I:

A transformação de nossas salas de aula em espaço para que pessoas sejam conduzidas dos passos elementares da fé à maturidade cristã.

Implicações práticas:

- A avaliação do ensino passa pela análise de seu efeito na vida pessoal, familiar e profissional dos alunos e não do quanto eles receberam e retiveram de informações.

- Os alunos passam a ser vistos como pessoas em processo de formação espiritual, sendo o alvo final desta a maturidade cristã, evidenciada no amor e no desenvolvimento de seu ministério pessoal.

- Alguns alunos, à medida que se desenvolvem na fé e se engajam no serviço aos outros, revelam ser professores em potencial e podem ser convidados para ajudar.

Proposta II:

A transformação de nosso método individual e solitário de ministração em uma prática de mutualidade e transmissão de vida.

"Em vez de recrutar pessoas para ensinarem sozinhas, desenvolva um sistema de ensino em equipe..." (Donald Griggs, Manual do Professor Eficaz, Cultura Cristã, 136)

Implicações práticas:

- Professores experientes devem sempre ter ao seu lado professores em formação.
- O relacionamento entre estes jamais deve ser hierárquico, mas afetivo e cooperativo.
- A autoridade do professor mais experiente, antes de técnica-funcional, deve ser espiritual.

O Desenvolvimento de Novos Professores

Treinamento Formal	Ambiente Relacional
Aprende conceitos e tenta transportar para sua prática em sala de aula	Assimila conceitos através do modelo que vê em sala de aula
Assume grandes responsabilidades de forma abrupta e solitária	Assume pequenas responsabilidades de forma gradual e solidária
Desenvolve a tarefa sem referencial acerca do que está fazendo de forma certa e em que está errando	Desenvolve a tarefa sendo pessoalmente encorajado em seus acertos e corrigido em seus erros
A vida pessoal e espiritual não deve se misturar com a função como professor	A vida pessoal e espiritual é assistida e valorizada por líderes mais experientes

Produzindo uma nova cultura

1. Organize encontros para treinamento dos professores existentes, procurando transformar a cultura convencional (informação através do ensino formal) numa cultura bíblica (transformação através do ensino relacional).
2. Em alguns casos, precisaremos contar com uma pessoa "externa" que venha implementar a visão na comunidade.

3. Desafie seus professores a se tornarem discipuladores de alguns de seus alunos visando o ministério de ensino na comunidade. Alguns passos práticos podem ser seguidos:

- i. Ore a Deus pedindo por discípulos
- ii. Aproxime-se da vida de seu possível discípulo
- iii. Convide-o para o desempenho de tarefas menores
- iv. Envolve-o no preparo de algumas aulas
- v. Reparta com ele a ministração de algumas aulas
- vi. Ajude-o no preparo de algumas aulas
- vii. Deixe-o ministrar algumas aulas
- viii. Encoraje-o no que está acertando e incentive-o a melhorar no que ainda é limitado

4. Organize encontros para treinamento dos professores experientes e novatos procurando oferecer subsídios acerca de:

- i. Como preparar uma aula
- ii. Como apresentar uma aula
- iii. Como avaliar uma aula

Nestes encontros, ofereça exercícios práticos nos quais os professores mais experientes tenham que se relacionar com os mais novos.

5. Esteja atento a possíveis mudanças necessárias no quadro de professores e reavalie seu critério de recrutamento.

Sugestões Bibliográficas:

- Richards, Lawrence O. – Teologia da Educação Cristã – Ed. Vida Nova.
- Griggs, Donald – Manual do Professor Eficaz – Ed. Cultura Cristã.
- Bruce Wilkenson – As Sete Leis do Aprendizado – Ed. Betânia.

2. ENSINANDO OU APRENDENDO?

Marília A. Peçanha
(26/10/2002)

Dois prefácios sobre EDUCAÇÃO CRISTÃ

Muitas vezes na vida da igreja percebemos que a escola bíblica é o momento mais desperdiçado da semana, por causa da falta de objetivo ou ainda por imaginarmos que para a escola dominical "qualquer coisa serve". É bom que admitamos que o trabalho educacional da igreja tem sido acometido de muita confusão, falta de clareza ou mesmo mediocridade. Muitas vezes esta atividade tem sido interpretada como adequada apenas para crianças e velhos. Muitos abertamente a consideram desnecessária, não espiritual.

Mas...

Se Jesus Cristo, o Mestre dos mestres, enviou discípulos para ensinar a todas as nações,

Se os apóstolos que são nossos modelos, passaram toda sua vida no ministério de ensino,

Se as Escrituras, nosso norte, nos exortam a ensinar os preceitos do Senhor,

Se a história da igreja nos indica que a mão de Deus abençoa o professor,

Se o aluno, nosso alvo, exige uma fidelidade completa de seu professor, e mais ainda

Se os assuntos em questão são eternos - então certamente é hora da igreja se preparar para um ensino verdadeiramente efetivo e eficaz!

Frances & Edward Simpson, no prefácio do livro CHRISTIAN EDUCATION
FOR THE LOCAL CHURCH

H. W. Byrne
Zondervan, 1969

EDUCAÇÃO CRISTÃ, é fugir do esquema escolar. Novas perguntas surgem sobre ensino e aprendizado, e estamos abordando a educação cristã como envolvendo todas as atividades que têm lugar no Corpo de Cristo.

Antigamente víamos a sala de aula como centro da educação cristã; hoje ela é somente uma parte - e nem sempre mesmo a mais importante.

É necessário que comecemos com um exame da própria igreja. A eclesiologia deve ser a origem da nossa compreensão de educação e a educação cristã é mesmo uma disciplina teológica. Eu estou convencido de que esta posição quanto à educação cristã questionará muitas vezes velhas suposições e proporcionará uma visão nova que desvendará possibilidades no futuro que no momento não podemos ver.

Larry Richards, no prefácio do livro
TEOLOGIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Lawrence O. Richards
Vida Nova, 1989

ENSINANDO E APRENDENDO

O que significa ENSINAR e APRENDER e como estes dois conceitos interagem?

Considere novamente as definições tradicionais. Uma busca aos dicionários irá nos mostrar que "aprender é adquirir conhecimento sobre um assunto através do estudo, experiência ou instrução". Uma definição mais atual dirá que "aprender é uma mudança relativamente permanente em uma tendência comportamental e é o resultado de prática enfatizada" (Kimbley e Garmezy, 1963). De modo similar, ENSINAR, que está implícito na primeira definição de APRENDER, pode ser definido ainda como "mostrar ou ajudar alguém a aprender como fazer algo, através da instrução, ou da ajuda com os estudos sobre determinado assunto, provendo conhecimento que permitirá uma compreensão completa sobre aquele assunto". Refletindo sobre estas definições, percebemos que elas parecem incompletas, não expressando totalmente todas as implicações semânticas das referidas palavras.

ENSINO não pode ser visto a parte de APRENDIZADO. Ensinar é guiar e facilitar o aprendizado, fazendo com que o aluno, mais do que aprender sobre determinado assunto, APRENDA A APRENDER. Para isto é necessário criar as condições adequadas para o aprendizado. A percepção que o professor tiver sobre COMO o seu aluno aprende, irá determinar sua filosofia de educação, seu estilo de ensinar, sua abordagem, seus métodos e técnicas de sala de aula.

Uma teoria de ensino, em harmonia com um entendimento real que integre o conhecimento sobre os alunos e sobre o assunto a ser estudado, trará resultados positivos que irão ajudar àqueles sob sua responsabilidade a desenvolver suas próprias estratégias para uma vida de aprendizado constante e permanente.

H. Douglas Brown
Language, Learning and Teaching
Prentice Hall, 1990

Nome: _____

Classifique sua aula na escola bíblica, na maioria das vezes:

Agradável						Desagradável
Atraente						Monótona
Boa						Ruim
Clara						Confusa
Colorida						Descolorida
Educativa						Não educativa
Eficaz						Ineficaz
Elementar						Complexa
Expressiva						Inexpressiva
Fácil						Difícil
Fascinante						Enfadonha
Gratificante						Não gratificante
Inútil						Útil
Necessária						Desnecessária
Prazerosa						Suportável
Satisfatória						Não satisfatória
Simples						Complicada
Valiosa						Superficial

Escolha 3 adjetivos que representem melhor suas aulas na EBD. Use a lista acima como referência, mas inclua qualquer outro adjetivo que possa descrever mais exatamente a sua aula.

1	
2	
3	

Nome: _____

Classifique seu trabalho como professor, em cada um dos itens abaixo:

	1 (-)	2	3	4	5 (+)
Agente Motivador					
Assessor					
Condutor					
Controlador					
Facilitador					
Informante					
Monitor					
Organizador					
Participante					
Recurso					

Escolha, dentre as funções acima, três características presentes no seu trabalho, e três que você ainda não possui:

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
1.	1.
2.	2.
3.	3.

3. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

INTRODUÇÃO

Rev A. José do N. F.
(06/12/2003)

Seria demasiadamente pretensioso tentar abordar da forma mais aprofundada e completa possível, todas as áreas e matizes educacionais em nossa perspectiva histórica. Tratamento mais detalhado será concedido às questões consideradas relevantes para a compreensão do papel exercido pela educação cristã, ao longo da história e na atualidade, tanto na formação de pessoas como da sociedade.

Nenhuma prática educativa é neutra. A personalidade humana é continuamente influenciada pelo tipo de educação recebida no contexto familiar, na escola, através dos meios de comunicação e de todos os tipos de relacionamentos nos quais se envolve. Tal afirmação pressupõe continua e abrangente influência transformadora, e atribui aos cristãos, grande parte de responsabilidade pela situação moral, espiritual e mesmo intelectual dos seres humanos na era contemporânea. A visão que se tem do ser humano, determina a prática educativa adotada.¹ Por exemplo, o educador humanista, crendo que o homem é a medida de todas as coisas, adotará uma prática educativa antropocêntrica². Por outro lado, o educador cristão, concebendo a plenitude da humanidade como atingível somente em Cristo, atuará com vistas a favorecer o desenvolvimento do educando de acordo com os padrões da perfeita varonilidade (Efésios 4.13). Para tanto, é preciso ter uma visão integrada do ser humano e dos processos de ensino, tal como fizeram os reformadores e seus adeptos. João Calvino era defensor obstinado da educação como parte preponderante do ministério da Igreja e para ele não havia distinção entre "ensino religioso" e "ensino secular", pois "o aprendizado de todas as coisas deve contribuir para o aperfeiçoamento do ser humano, visando o adequado desempenho da sua vocação, para a glória de Deus"³.

1 . A Perspectiva Transcendente da Educação

Muitos dos estudiosos que se dedicaram a História da Educação partem de elementos diferentes para enfocarem seu objeto de estudo. Isto porque a própria História, como ciência, não é mera observação e registro de fatos sendo, necessariamente, norteadas por pressupostos e conceitos os quais determinam a seleção e análise dos fatos relatados. Igualmente a Pedagogia, sendo uma ciência

¹ Danilo Streeck. Correntes Pedagógicas (Petrópolis: Editora Vozes, co-edição CELADEC - Região Brasil. 1994)

² A prática educativa centrada na criança, defendida por Carl Roger, é um exemplo disso.

³ Wilson Castro Ferreira, Calvino: Vida, Influência e Teologia (Campinas: Luz Para o Caminho, 1995) p. 184

da Educação, não é construída a priori, mas também pressupõe algo sobre o ser humano ao qual se dirige a prática educativa. Em toda História da Educação há, portanto, valores subjacentes sobre o ser humano que determina o curso da pesquisa.

1.1 Aranha⁴, por exemplo, considera o trabalho consciente (individual ou social) a característica fundamental para que o ser humano seja reconhecido como distinto dos animais. Tal abordagem do ser humano faz com que a referida autora priorize os aspectos vinculados, de alguma forma, ao desenvolvimento das relações de trabalho.

1.2 Manacorda⁵, por sua vez, analisa os caminhos da escola através dos tempos, procurando explicitá-lo nas diferentes épocas.

1.3 Para o propósito desta palestra, particularmente, o aspecto transcendente do ser humano. Em todas as culturas, de todas as épocas, a religiosidade se fez presente na vida humana, tornando relevante, para a história da educação considerar este aspecto. João Calvino, em suas famosas Institutas, cria que o homem, em quaisquer culturas, etnias, ou contextos histórico-sociais em que ele esteja inserido, traz consigo o “*Semen Religionis*” e o “*Sensus Divinitatis*”

1.4 Além disso, estudos como o que foi desenvolvido por Coulanges sobre as civilizações antigas, parecem demonstrar que a evolução do processo educativo está diretamente vinculada ao desenvolvimento da religiosidade humana; enquanto esse vincula-se igualmente ao desenvolvimento da própria civilização. Para Coulanges, nem mesmo a primeira instituição humana, a família, pode ser considerada a não ser partindo-se da religiosidade. Pois, conforme apontam as suas pesquisas, o sentimento religioso é, para o ser humano, mais natural que o sentimento de família. Portanto, a constituição da família já é determinada pelas normas da religião, pois “o que uniu os membros da família antiga foi algo mais poderoso que o nascimento, o sentimento ou a força física: na religião do fogo sagrado e dos antepassados se encontra esse poder⁶.”

2 - A Educação na Cultura dos Antigos Hebreus

2.1 A educação do povo judeu no Antigo Testamento, era uma educação centrada na lei de Deus (Dt 6.4-9; Salmo 78.1-4).

⁴ Maria Lúcia de Arruda Aranha. História da Educação (São Paulo: Editora Moderna. 1989).

⁵ Mário Alighiero Manacorda. História da Educação – Da antiguidade aos Nossos Dias (São Paulo: Cortez, Autores Associados. 1989).

⁶ Fustel de Coulanges. A Cidade Antiga (São Paulo: Hemus. 1975). p. 34

Os ensinamentos dos juízos, dos estatutos e da própria lei de Deus, eram os assuntos basilares para a Educação entre os hebreus no Antigo Testamento. Para o israelita, não havia como separar a educação dos filhos do temor do Senhor, pois *“o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”* (Sl 111.10; Pv 1.7).

2.2 A educação dos hebreus também possuía um profundo apelo histórico, ou seja, aprendendo a partir dos acontecimentos da história da revelação.

Deus é o Senhor da História. Jesus Cristo se apresenta como sendo *“o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim”* (Ap 22.13). Torna-se relevante, portanto, partir de uma *“Teologia da História”*, ou seja, considerar o lugar que a História ocupa nas Escrituras Sagradas, a fim de que o argumento educacional seja construído sobre bases sólidas. Toda a Escritura Sagrada, a Bíblia, apresenta um enorme apelo histórico. No livro de Deuteronômio há uma ordem explícita dada por Moisés para que se verifique, através da História, a maneira singular como o povo hebreu foi tratado por Deus (Dt 4.32-34). Tal constatação deveria ser lembrada continuamente: *“guarda-te, para que não te esqueças do Senhor”*; e transmitida às futuras gerações, sempre com o mesmo empenho e diligência em proclamar o nome e o poder de Deus através do relato de seus feitos (6.7 a 25). O que importava era a história da nação e sua herança (Êx 12.26, 27; Êx 13.7,8; Js 4.21-24).

2.3 A educação do povo judeu no AT. realizava-se a partir do lar e da família.

O processo educacional torna-se fundamental para preservar a identidade, a cultura e a fé, elementos considerados por Giles como *“indistinguíveis, no caso do povo hebraico”*⁷. O lar é fundamental neste processo. É através da observação do comportamento familiar, dos diálogos cotidianos e da participação da família nas celebrações públicas ou particulares, que cada criança adquire o conhecimento do caráter e do poder de Deus.

3 - A Educação Cristã no NT

3.1 O momento histórico do aparecimento do Cristianismo é descrito por Coulanges como um período de apatia religiosa, incredulidade, ou mesmo de crenças totalmente desvinculadas das realidades da vida diária⁸. Com a manifestação de Cristo, a boa nova deve ser anunciada à toda criatura, em todo o mundo (Mc 16.15) e deve-se, ainda, fazer discípulos de todas as nações,

⁷ Thomas Ranson Giles. História da Educação (São Paulo: EPU. 1987). p. 44.

⁸ Coulanges, Op. cit., p.305

ensinando-os a guardar todas as coisas que Jesus ordenou (Mt 28.20). O Cristianismo, portanto, inaugura-se já como um projeto educacional destinado, indistintamente aos homens e mulheres de todas as raças, de todas as nações e de todas as camadas sociais (Gl 3.28). A proposta inicial do Cristianismo é de transformação. *“Passou Jesus a pregar e a dizer: arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”* (Mt 4.17). O ensino de Jesus atrai, desde o início, numerosas multidões (Mt 4.25) e ele passa a ensiná-las que, além de serem transformados: *“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”* (Mt. 5.14-16)

3. 2 -A educação Cristã no Período Patrístico

Os cristãos legaram ao mundo um vastíssimo patrimônio cultural e uma extraordinária riqueza filosófica e pedagógica. A fecunda produção intelectual dos cristãos, principalmente dos apologetas do segundo e terceiro séculos, é atribuída por Boehner e Gilsom a dois fatores distintos. Segundo estes autores, a razão primordial encontra-se *“no ideal de sabedoria perfeita a que todo cristão deve aspirar”*⁹, pois há uma ordem apostólica para que todo cristão cresça, não só na graça, mas também no conhecimento de Jesus Cristo (2Pe 3.28), e para que esteja preparado para responder a qualquer um que venha a lhe pedir explicações sobre sua fé. Este conhecimento e esta capacidade de argumentar sobre as razões da fé (1Pe 3.15) demandam uma investigação intelectual séria, responsável e coerente, à qual alguns cristãos se dedicaram bravamente.

Os pais Capadócios *“Basílio de Cesaréia (329-379 A.D.), Gregório de Nissa (335- 394 AD) e Gregório de Nazianzo, delinearão o currículo da nova pedagogia cristã, fixando os textos clássicos necessários para a educação da juventude cristã, a partir das obras de Homero, a valorização literária, artística e filosófica dos gregos. Foi Gregório de Nissa que transportou a ideia de “pedagogia” assumida por Platão, para a concepção cristã daquele período na Ásia Menor. Na frente latina, encontra-se o exemplo de São Jerônimo (342-420 A.D.), o qual tornou-se um nome importante para a compreensão do novo modelo de cultura. Após um período de retiro monástico em Antioquia, ele mudou-se de Roma para Belém na Judéia, onde principia a árdua tarefa de tradução da Bíblia para o latim, cuja tradução terminada em 404 A.D., chamou-se de vulgata. Ele era um apaixonado pelos escritos de Cícero e Vígílio, pensadores romanos. No campo educativo em S. Jerônimo há dois modelos: O ascético (articulado em torno do temor a Deus) e o clássico, ligado à pedagogia grega.*

⁹ Philotheus Boehmer e Etienne Gilson. História da Filosofia Cristã – Desde as Origens até Nicolau de Cusa (Petrópolis: Editora Vozes. 1988). p.25

Agostinho é a figura de maior destaque entre os teólogos e intelectuais da Igreja Cristã nos primeiros séculos, e sua influência perdura até os nossos dias. Considerado o maior dos pais da Igreja e um dos maiores pensadores de todos os tempos, o bispo de Hipona, na África, é também chamado de “o mestre do ocidente”, “preceptor dos povos” e “orientador dos séculos”¹⁰. O pensamento agostiniano determinará a atitude do Cristianismo frente à cultura e ao processo educativo durante muitos séculos. Agostinho preocupou-se em descobrir quais os fundamentos do conhecimento, e desenvolveu uma engenhosa argumentação sobre os sentidos como fonte da verdade, gastando longos anos de sua vida na investigação aprofundada dessas questões. Conforme Pessanha, Agostinho “antecipou a reflexão cartesiana, formulada doze séculos depois: ‘Se eu me engano, eu sou, porque aquele que não é não pode ser enganado’. Com isso atingia a certeza da própria existência”¹¹. Para Agostinho, então, antes de Descartes, a certeza da própria existência não poderia desvincular-se do conceito do ser humano como ser pensante, o que torna indispensável a educação como forma de desenvolvimento das características mais elevadas do ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Na obra *A Cidade de Deus*, Agostinho revela sua cosmovisão, segundo a qual todos os eventos deste mundo pertencem ao campo da fé cristã e precisam ser ensinados dessa forma, para que o ser humano compreenda a razão de sua própria existência, assim como de todos os demais eventos históricos e científicos. A história humana e as ciências naturais só podem ser verdadeiramente compreendidas à luz da fé cristã. Esta fé “não pressupõe apenas um setor da existência histórica do crente”, pelo contrário, a fé proporciona o sentido e a estrutura para todas as áreas da vida do cristão¹².

3.3. A Perspectiva Educacional na Era Medieval

A atividade educacional cristã na igreja medieval foi fortemente influenciada pela crença em um estado cristão universal, em que tanto a igreja como o estado eram instrumentos de Deus para alcançar os propósitos de Deus para o homem. Era, portanto, responsabilidade tanto da igreja como do estado promover a educação como responsabilidade social-institucional. Havia quatro principais tradições naqueles tempos: os *benedictinos*, na igreja ocidental e os numerosos movimentos que derivaram deles; os *nestorianos*, que atuavam no oriente e ao sul da Ásia Menor até a Arábia, Índia, atravessando a Ásia Central até à China; os *ortodoxos*, que foram para o norte aos estados balcãs e, finalmente, para a região onde agora é a Rússia e mais adiante a leste; e o *celtas*, que surgiram

¹⁰ Boehmer e Gilson, op. cit. p.139.

¹¹ José Américo Motta Pessanha. Os Pensadores (São Paulo: Nova cultural. 1999). p. 25.

¹² Emanuel Carneiro Leão, na *Introdução à obra de Agostinho; Cidade de Deus contra os pagãos* (Petrópolis: Editora Vozes. 1990), p. 20.

na Irlanda e depois se estenderam para a Escócia e a Inglaterra, além da Europa central. Essas comunidades de monges funcionavam como embaixadores da fé, introduzindo-se em áreas onde a fé cristã não tinha ainda penetrado, formando suas comunidades e estabelecendo sociedades alternativas em áreas que foram vítimas de constantes guerras ou tornando-se caóticas quando as sociedades antigas desmoronaram.¹³

4. A Perspectiva Educacional dos Reformadores

A proposta dos reformadores é percebida como sendo, atualmente, mais válida e indispensável que nos séculos anteriores, em virtude do contexto social globalizado, baixos padrões morais e acelerada deterioração da família, fatores esses que, inegavelmente, interferem, de modo pernicioso, na formação da personalidade.

4.1 A Educação em Martinho Lutero (1483-1546):

O imperativo de combater a ignorância levou Martinho Lutero a fazer uma tradução do Novo Testamento para o vernáculo alemão, o qual é publicado em setembro de 1522, transformando-se numa base para todo um processo de alfabetização pública. Na sua primeira formulação explícita sobre o processo educacional, a Carta aos Prefeitos e Conselheiros de Todas as Cidades da Alemanha, Lutero afirma que a estabilidade da nova ordem espiritual depende da compreensão das crianças em relação às Sagradas Escrituras, o que só é possível através da instrução. Para Lutero "não há outra ofensa que pese tanto diante de Deus e que mereça maior castigo do que negligenciar a educação das crianças"¹⁴. O interesse de Lutero pelos problemas da educação e da escola está contido numa série de discursos e de apelos dirigidos aos homens políticos alemães (Apelo à Nobreza Cristã Alemã - 1520; Carta aos Conselheiros Comuns de todas as Cidades da Alemanha - 1524; Sermão sobre a Necessidade de enviar os Filhos à Escola - 1530; além de outros escritos de caráter religioso os quais retratam preocupação pedagógica (Grande e Pequeno Catecismo - 1529). Há, certamente, uma diferença de natureza entre Igreja e Estado, exatamente como há entre cristão e cidadão, mas não precisa ser uma diferença de pessoa, o mesmo indivíduo pode ser tanto cristão quanto cidadão. Na mente de Lutero, a autoridade espiritual da igreja está somente sobre a alma. Ela é persuasiva, não coercitiva. Como é demonstrado nos rituais luteranos, o reino de Cristo é espiritual - o conhecimento de Deus no coração e na vida de fé. O poder das chaves é puramente o poder de pregar o evangelho e administrar os sacramentos.¹⁵

¹³ Ian Haneeh. *Monasticism* (London. England; Allen and Unwin, 1924). 90.

¹⁴ Citado por Giles. P. 119

¹⁵ T. G. Tappert. *The Book of Concord* (Philadelphia. Pennsylvania: Westminster Press. 1959), 81.

4.2 A Educação em Felipe Melanchton (1497-1560):

A elaboração das estruturas organizativas e dos conteúdos culturais próprios das escolas secundárias da Reforma é devido sobretudo a Felipe Melanchton (1497-1560). Segundo Melanchton, a ignorância era a maior adversária da fé e por isso mesma precisava ser tenazmente combatida, mediante uma reforma das escolas e uma recuperação da autoridade cultural e moral dos educadores. Franco Gambi afirma que para Melanchton, “a finalidade da escola era promover a piedade evangélica, tomá-la culta e consciente através de uma instrução clássica rigorosamente organizada”. Em 1527, encarregado pelo duque da Saxônia e dentro de um plano de reordenação da situação religiosa do ducado, Melanchton redige os seus famosos “Artigos de Visitação”, uma publicação contendo, entre outras coisas uma série de instruções para os diretores das escolas, na qual aprofunda suas ideias sobre a escola e sua organização.¹⁶ O reformador Melanchton chegou a ser considerado um dos maiores educadores de sua época, tendo recebido o título de Mestre da Germânia.¹⁷

4.3 A Educação em João Calvino (1509-1564):

Chamado de volta à Genebra em 1541, ele assume o governo da cidade dando vida a um programa de reformas cristãs e sociais, profundamente alicerçado nos princípios desta sua fé, atribuindo um amplo espaço à educação. Calvino defendia a necessidade da frequência escolar para todos, especialmente para as comunidades da Reforma, apontando as línguas e as ciências seculares como conteúdos relevantes para a formação, junto às Escrituras. A influência de Calvino foi consolidada por meio da academia que ele fundou, a qual se tornou a Universidade de Genebra. As instituições educacionais foram nitidamente importantes para ele. Calvino promoveu a educação na escola secundária e insistiu sobre a educação primária compulsória para meninos e meninas. Calvino também compreendeu a relevância das instituições de caridade para o bem-estar não somente dos totalmente indigentes e desfavorecidos, mas também de muitas vítimas dos eventos históricos de seu tempo. Olson comenta: "A estrutura organizacional para a caridade em Genebra, a Bolsa Francesa, foi uma instituição fundamental que cuidou não apenas de muitos refugiados humildes e de pobres de Genebra, mas também de refugiados franceses de importância e consequência. A Bolsa Francesa foi uma parte importante daquele sistema de bem-estar porque foi dedicada a estrangeiros em uma cidade popular para os refugiados."¹⁸

¹⁶ Ibid. p251

¹⁷ Giles op. cit. p.125.

¹⁸ Jeanini E Olson 1989. *Calvin and Social Welfare* (Selinsgrove: Susquehanna University Press. 1989). p. 12

4. CARACTERÍSTICAS DO FACILITADOR (PROFESSOR) E DE SUA AULA

Em relação ao tema proposto, vamos buscar na Palavra de Deus a orientação, que nos permitirá caminhar juntos.

Sebastião Bueno

26/06/2004

“Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10)

- “Disposto o coração para buscar a lei do Senhor”
- “Cumprir essa lei”
- “Para ensinar”.

Tem que submeter-se inteiramente à vontade de Deus e aplicar a metodologia que Jesus aplicou em sua vida: *“E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52).*

Para John H. Esterhoff, o facilitador tem que empregar *“Todos os esforços deliberados, sistemáticos e sustentados pelos quais a comunidade da fé procura facilitar o desenvolvimento de um estilo de vida cristã por parte das pessoas e grupos.”*

Ter em mente que o ser humano é o centro, o objeto e o sujeito da aprendizagem. Aplicar Gênesis 1.26 *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.”* Notar que o homem, embora pecador, é destinado a descobrir a sua “semelhança” com Deus e aceitá-la para poder usufruir as bem-aventuranças eternas.

O ser humano se desenvolve física, mental, emocional, comportamental e espiritualmente durante toda a vida. Aqui entra de modo sábio e comprometidamente o facilitador (professor) no atendimento das características que se seguem:

1 - Dispor o coração na Palavra, cumprindo-a e ensinando-a com o exemplo de vida aquilo que fala.

2 - Ensinar, no seu aspecto mais simples, é comunicar experiência. Adquirem-se experiências através de fatos, verdades, doutrinas ou ideias e, ainda, mediante habilidades de outras pessoas que nos são passadas.

3 - Nossa tarefa não é causar uma boa impressão naqueles a quem ensinamos, mas provocar neles um impacto. Não é apenas convencê-los, mas levá-los a uma transformação de vida.

4 - A lei do facilitador (professor): “O facilitador (professor) deve conhecer muito bem o assunto que está ensinando. Um fraco domínio do conteúdo resulta num ensino deficiente”. – John Milton Gregory.

**BASEAR O ENSINO NUMA RICA EXPERIÊNCIA
DE VIDA**

5 - A lei do ensino: “A verdadeira função do facilitador (professor) é criar condições para que o aluno aprenda sozinho. Ensinar, de fato, não é passar conhecimento, mas estimular o aluno a buscá-lo. Poderíamos até dizer que ensina melhor quem menos ensina.” – John Milton Gregory.

**DOMINAR O CONTEÚDO E CONHECER MUITO BEM AS PESSOAS
A QUEM FACILITA O CONHECIMENTO**

6 - A lei da atividade: "Não podemos transferir conhecimento de nossa mente para a de outrem, como se eles fossem constituídos de matéria sólida, pois os pensamentos não são objetos que podem ser tocados ou manuseados ... As ideias têm que ser pensadas na outra mente. As experiências têm que ser vividas pela outra pessoa." – John Milton Gregory.

**ENVOLVER OS ALUNOS NUMA EXPERIÊNCIA ALTAMENTE
EDUCATIVA “OUÇO E ESQUEÇO; VEJO E GUARDO NA MEMÓRIA;
FAÇO E COMPREENDO.”**

Essa é a Escola Bíblica Dominical dos nossos sonhos.

Seja qual for o seu objetivo como facilitador, o seu aluno tem que viver a sua própria experiência com Cristo, para que ele possa preparar-se para viver a eternidade com Cristo.

Indicamos, com tal objetivo, a metodologia Rogeriana, como efetiva, real, na consecução de tão alto propósito, qual seja a ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO.

Que Deus nos capacite a atuar de modo digno do Senhor de nossas vidas: Cristo Jesus.



FACILITADOR (PROFESSOR):

PENSANDO BEM...

... a sua pontualidade e assiduidade nos fazem bem;
... a sua dedicação e entusiasmo nos contagiam;
... a sua firmeza e desembaraço nos dão segurança;
... a sua imagem é ótimo fator para o nosso crescimento.

PENSANDO BEM...

... a sua clareza na interpretação da Bíblia nos estimula;
... a sua explicação dos textos da lição nos anima a estudar;
... a sua vontade e carinho nos habilita a novas vitórias;
... a sua Bíblia e a nossa Bíblia têm o mesmo significado.

PENSANDO BEM...

... você foi chamado por Cristo para servir;
... você foi chamado pela Escola Dominical para ensinar;
... "Não te deixarei nem te desampararei";
... "Sê forte e corajoso, porque tu preparas almas para a eternidade".

PENSANDO BEM...

... "Ordena e ensina estas cousas";
... "Não te faças negligente para com o dom que há em ti";
... "Medita estas cousas e nelas sê diligente"?
... O seu desprendimento e alegria deixam transparecer CRISTO.

PENSANDO BEM ...

... "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável,
... tudo o que é justo, tudo o que é puro,
... tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama,
... se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento."

PENSANDO BEM ...

... Você é bênção viva nas mãos de Deus;
... você é uma bênção para os seus alunos;
... você é um vaso escolhido para ensinar na Escola Dominical.

PENSANDO BEM ...

... Facilitador amigo e responsável, obrigado!
... Facilitador solícito e dedicado, nós lhe agradecemos;
... Facilitador, receba hoje de sua Escola Dominical e de seus alunos esta sincera homenagem.

5. O PROFESSOR MOTIVADOR

Ruth Lázari

04/08/2007

Por que a Escola Bíblica Dominical sobrevive?

“Como poderei entender se alguém não me explicar?” (Atos 8.31)

“E convidou Felipe a sentar-se junto a ele” (Atos 8.31)

E convidou o “professor” a:

- Subir no carro
- *Assentar-se + junto a ele*
- E então, explicar

Sabe porque?

“O *conhecimento* (conteúdo) não requer a presença do professor para ser transmitido, mas o *saber* (significação), *SIM.*”

Alicia Fernández (Psicopedagoga)

Saber: do latim, *sapere* = “ter gosto”, “ter sabor”

Professor X *Ensinante*

Aluno X *Aprendente*

“Um professor só poderá ensinar *se aprende* e um aluno só poderá aprender *se ensina*” (Alicia Fernández)

O Ensinante Motivador

O que é “MOTIVAR”?

Motivar é *DESPERTAR*:

- O interesse
- A curiosidade
- O entusiasmo

Há duas formas de “Despertar”:

(E/OU)

- PROVOCAR
- CONTAGIAR

Qual é a diferença ?

Provocar e/ou Contagiar

♦ *Professor Motivador* ♦ *Professor Motivado*

Técnicas de Provocar:

- O interesse
- A curiosidade
- O entusiasmo

(Professor Motivador)

Cada classe é uma nova classe a cada domingo!

Haja Técnica de Provocação!!!

Técnica Única de Provocação:

Mostrar e Guardar

Guardar não é esconder!

É deixar que o aprendente encontre suas próprias respostas !

Com que objetivo?

Receber, apenas, não GERA prazer!

Esta é uma “lei universal”

Técnicas de Contagiar:

- Com o seu interesse
- Com a sua curiosidade
- Com o seu entusiasmo

(Professor Motivado)

Porque nenhum aprendente fica imune a este “contágio”?

O ser humano, para aprender, deve pôr em jogo:

- Seu organismo individual herdado
- Seu corpo
- Sua inteligência
- A arquitetura do seu desejo, desejo que é sempre desejo do desejo do Outro. (Alicia Fernández: *A Inteligência Aprisionada* – Artmed - Editora)

A Aprendizagem tem uma Fonte Somática:

<ul style="list-style-type: none">▪ Alimentação▪ Fome▪ Bebê Ativo (Sucção)▪ Leite + Prazer	<ul style="list-style-type: none">▪ Aprender▪ Desejo de Conhecer▪ “Juízo Crítico” (Postura Ativa)▪ Conhecimento + Prazer
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte Somática X Significação Inconsciente

<ul style="list-style-type: none">▪ Se a mãe sente prazer em amamentar, <i>o filho recebe, junto com o leite materno, este prazer.</i>	<ul style="list-style-type: none">▪ Se o professor sente prazer ao ensinar, <i>o aluno recebe o conhecimento e o prazer de conhecer.</i>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quatro Segredos...

O Pesadelo ...

E o Sonho *do Ensinante* da EBD *Motivado*.

Primeiro Segredo:

É Deus Quem Fala!!!!

Fala Deus, fala Deus

Toca-me com brasas no altar

Fala Deus, fala Deus

Sim ALEGRE atendo ao Teu mandar.

Segundo Segredo:

- O que?
- Como?
- Por que?

Muitas vezes não é falta de motivação para ensinar e sim, falta do que ensinar!!!

Terceiro Segredo:

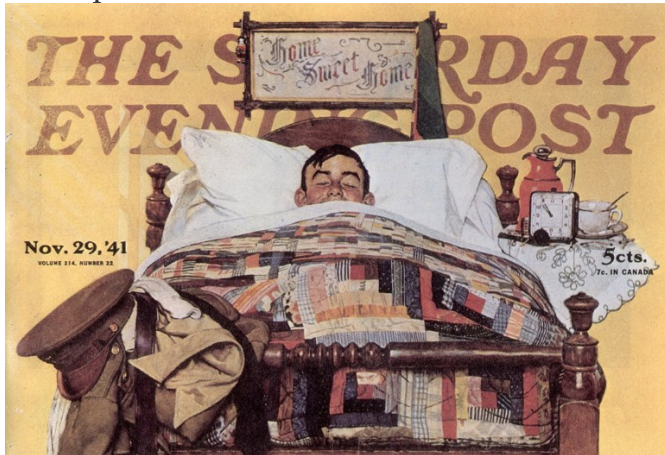
Postura positiva em relação aos aprendentes.

Quarto Segredo:

É impossível agradar a todos.

O Pesadelo de todo Ensinante da EBD:

Olha que horas são ...



O Sonho de todo Ensinante da EBD:

Que se torne realidade!!



6. ATIVIDADE CENTRADA NO EDUCANDO

Sebastião Bueno

04/08/2007

Introdução:

1. Inicialmente, vamos esclarecer os termos que serão aplicados e que nos permitem uma atualização, de acordo com a psicopedagogia:

- a) Facilitador (professor, educador);
- b) Aprendiz (aluno, educando);
- c) Inclusão (incluir, mediante uma transformação operada dentro de si).

2. O facilitador, ao cumprir a tarefa de incluir o aprendiz no caminho que irá conduzi-lo a um processo pessoal de transformação, através da identificação com a Bíblia, onde o Espírito Santo irá atuar nas vidas, pelo contínuo e amoroso caminho que Cristo quer que vivamos.

3. O facilitador é aquele que induz o aprendiz a pensar, sentir e viver a fé cristã, mediante a metodologia aplicada no ensino da palavra de Deus, assistidos pelo Espírito Santo na transformação pessoal.

4. Diante do exposto, devemos refletir se estamos em nossas Escolas Bíblicas Dominicais, cooperando com o aprendiz no seu pensar a respeito da vida cristã, se ele está sentindo o Espírito Santo a acompanhá-lo no seu crescimento espiritual e ainda induzindo-o viver uma vida diferente a partir do momento de sua conversão.

5. O ensino tem que ser a expressão da necessidade do educando, não aquilo que o facilitador quer.

6. Induzir o aprendiz a um processo permanente de crescimento espiritual, através da oração, leitura da Palavra, meditação e na participação das atividades em sua igreja.

7. Diante de todas essas características o que devemos fazer para transformarmos a nossa EBD em uma escola onde teremos prazer em participar e contribuir para o crescimento religioso do povo de Deus, com vistas à eternidade?

Para Meditar:

Encontro de educadores cristãos, que estão preocupados com o ensino nas nossas Escolas Bíblicas Dominicais, quanto aos aspectos que se seguem:

1. Que conhecimentos didáticos e pedagógicos estamos empregando, como facilitadores da formação cristã em nossas EBD?

2. Estamos ainda aplicando somente o “*magister dixit*”?

3. Que tipo de atividades estamos empregando, no sentido de desenvolvermos o “envolvimento” das pessoas em nossos encontros?

4. Que tipo de cristãos estamos formando?

- Passivos?
- Indiferentes?

5. O que temos feito no sentido de darmos aos nossos “educandos” a oportunidade de:

- Expressão?
- Crescimento real em Cristo?
- Vontade de contribuir?
- Ou queremos a sua passividade?

6. O ensino da Bíblia passa por aspectos básicos de uma boa formação cristã, tendo a Bíblia como única regra de fé e prática:

- Como estou possibilitando tal aspecto?
- Procurando conhecer o educando?
- Ou ainda, tenho que dar toda a lição?
- Que oportunidade estou dando ao educando para que possa afirmar o que aprendeu?

7. Tenhamos em mente o seguinte:

- “Se o educando não aprendeu, o facilitador não cumpriu a sua tarefa”.
- “Não é a quantidade de conteúdo que vai possibilitar a sua qualidade”.
- “O pensar do facilitador é muito importante, mas o mais importante é o pensar do educando”.
- “Assim como se aprende a orar, orando; aprende a pensar, pensando”.

8. “O facilitador é o estimulador do educando, no sentido de levá-lo a pensar a sua fé, tendo como referência a sua Bíblia”.

9. “Sejamos os estimuladores de novas virtudes dos nossos educandos através do nosso exemplo, pois o exemplo vale mais que as palavras”.

10. “Temos que ter consciência que estamos preparando cidadãos para viverem a eternidade na presença de Deus”.

Após essas reflexões, que tal buscarmos na Bíblia como devemos agir. *“Habite ricamente, em vós, a Palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração”* (Cl 3.16).

REFLEXÕES

I. A BÍBLIA É O LIVRO TEXTO DA EBD:

“Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo. 15.16)

“Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te rejeitei, não temas porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te amo, e te sustento, com a minha destra Fiel” (Is 41, 9b-10).

“Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.” (1Co. 3.9)

“... Ou o que ensina, esmere-se no fazê-lo ; ... o que preside com diligência; quem exerce misericórdia com alegria” (Rm 12-7b-8).

Convido-o a analisar, em oração, o que Deus tem para todos nós.

D. A DIDÁTICA E A PSICOPEDAGOGIA:

1. O escopo da didática se fundamenta em pressupostos que desejamos sejam realidades permanentes em nossas atuações:

- Aprendiz que atinja o máximo de seu potencial.
- Aprendiz interessado e motivado.
- Aprendiz que coloca em prática o que aprendeu.
- Aprendiz que, além de aprender a matéria, seja estimulado a aprimorar o caráter.

2. A filosofia e prática da vida cristã devem ser coerentes com as necessidades dos educandos. Para isso carecemos reconhecer os nossos erros e humildemente repensar, a forma de pensar e depois adequá-la à prática de ensino.

Quando empregarmos a palavra no sentido de “mudar o modo de pensar” é na realidade o que se emprega hoje de modo enfático: “mudança de

paradigma”, simbolizando uma nova referência, ou ainda um novo padrão de pensamento. (Rm. 12.2)

3. Para que os fatos acima mencionados ocorram, temos muito a caminhar, pois, trabalhamos muito mais voltados para o conteúdo. Entretanto, com que visão se encara o processo de comunicação desses conteúdos voltados para o aprendiz? Aqui está o nó de questão do ensino. Não há dúvida de que o alicerce de toda mudança de vida libertadora está na verdade. O proveito gerador dessa liberdade tem muito a ver como ela é passada, através do exemplo. (Jo 15.15-16)

4. Como é feita a comunicação do conteúdo é a chave mestra do ensino. Aqui entra a habilidade pessoal do facilitador, as técnicas empregadas, como o elo vivo entre o conteúdo e os seus aprendizes, de tal maneira estimulador que cada um vive, sente, vibra com o que está fazendo. Aí está o cerne da atividade centrada no Educando.

5. A responsabilidade básica do facilitador é transmitir de maneira consciente e permanente: o conteúdo, o caráter e a conduta desejada. Sabendo sempre que o exemplo vale mais do que as palavras.

6. O bom facilitador está sempre procurando melhores meios de se tornar atualizado e mais eficiente em sua ação educativa. (Jo 8.31- 32)

7. Vale perguntar: como aprendemos?

COMO SE APRENDE?

John Dewey (1859-1952), filósofo e educador americano, em seu livro *“Experience and Education”* (New York: Collier Books, 1938) afirma que a pessoa aprende através de suas experiências. Para ele, aprender é experimentar, participar, sentir, pensar, resolver, viver e obedecer. A pessoa que se envolve e aprende é ativa, e a aprendizagem parte da sua experiência. Dewey fez uma enorme tentativa de unir teoria e prática, afirmando que a experiência é a base, o princípio e o meio de toda a educação.

Carl Rogers, em suas várias obras, chega ao ponto de dizer que a função do facilitador é apenas facilitar a aprendizagem e a mudança. A pessoa que aprende é o centro do processo educativo.

O mais importante na vida de uma pessoa é aprender a pensar e é exatamente o que as escolas deixam de fazer.

REFLITAMOS SOBRE ALGUNS PRINCÍPIOS QUE REGEM O PROCESSO DA APRENDIZAGEM:

1. O EDUCANDO DEVE PENSAR POR SI MESMO:

1.1 Quando se aplica esse conhecimento no Ensino, aquilo que se aprende torna-se mais fácil, e aprendemos em menor tempo, e com maior domínio do conteúdo. Por estas razões os psicólogos e pedagogos afirmam: “Aprender é ensinar a si mesmo”.

1.2 Diante do exposto, será que o Educando e o Facilitador do processo da aprendizagem são capazes de compreender a extensão do “Aprender é ensinar a si mesmo e viver essa realidade em sua vida?”

1.3 Aprender: ouvindo, vendo, fazendo e descobrindo.



MÉTODO DE COMUNICAÇÃO:

Os recursos audiovisuais melhoram a memória. “Fica-se inteligente porque se aprende.” Veja e reflita sobre o quadro abaixo:

MÉTODO DE COMUNICAÇÃO	LEMBRANÇAS 3 horas depois	LEMBRANÇAS 3 dias depois
QUANDO OUÇO: ESQUEÇO	70%	10%
QUANDO VEJO: LEMBRO	72%	20%
QUANDO FAÇO: ENTENDO	85%	65%
QUANDO DECUBRO: USO	95%	90%

III. O QUE OS FACILITARES DEVEM FAZER?

Na aprendizagem centrada no aprendiz (Educando), o facilitador deve assumir as seguintes responsabilidades:

1. Induzir o aprendiz, mediante uma abordagem correta, a descobrir por si, no momento certo, as verdades Bíblicas, sem imposição, deixando que o Espírito Santo opere a transformação.

2. O facilitador deve seguir algumas normas:

2.1 Aprender a confiar na competência do aprendiz do Pensar, Sentir, e poder buscar as verdades eternas da Bíblia!

2.2 Como trabalhar com o aprendiz o seu conhecimento em amor, humildade, buscando a parceria de Deus em todos os momentos.

2.3 Criar um clima facilitador do processo de aprendizagem, tornando-o mais profundo e penetrante na vida e no comportamento do aprendiz.

2.4 O facilitador deve observar com atenção o sentimento e atitudes do aprendiz: Interesse, Seriedade, e Aceitação da Bíblia, como única e infalível regra da fé e prática da vida Cristã.

CONCLUSÕES:

1. Ao se aceitar a aprendizagem centrada no aprendiz, o facilitador deve estar ciente de que o seu poder político será reduzido.

2. Assimilar que a responsabilidade de aprender é do aprendiz e que o educador funcionará como facilitador da aprendizagem.

3. O deslocamento do poder recai sobre o aprendiz, pois é ele que mantém o poder para aprender ou não. Aí é que entra a ação do facilitador.

4. Aceitar que essa aprendizagem é Inovadora e Vivencial, onde cada um cria as suas condições de aprendizagem.

5. Devemos, em todos os momentos de nossas vidas, ter em mente e no coração de QUE É DEUS, através da ação poderosa do ESPÍRITO SANTO, que controla os PENSAMENTOS, SENTIMENTOS, COMPORTAMENTOS e ATITUDES DAS PESSOAS, que foram TRANSFORMADAS por ELE.

6. Que tal, em nossa EBD, aplicarmos as atividades de grupos?

ATIVIDADE DE GRUPO:

1º) As pessoas são diferentes umas das outras, cada uma com as suas habilidades. Deus deu a cada pessoa o seu dom: 1Co. 12.1-11.

2º) A atividade de grupo é ativa, onde todos os participantes atuam em igualdade na manifestação.

3º) Deve-se respeitar a opinião um do outro, sem crítica, mas deve-se chegar a uma conclusão final, tendo-se em vista a correção do tema debatido.

4º) Aqueles que possuem maior fluência ao falar, devem ter cuidado de não monopolizar o diálogo, evitando-se assim “o instrumento de uma corda só”.

5º) O grupo bem entrosado estimula a participação de todos os seus componentes.

6º) O grupo deve democraticamente escolher:

- a) Um coordenador, para encaminhar o debate.
- b) Um relator, que anota e apresenta a síntese do debate.

7º) Os participantes de um grupo devem se esforçar para a manutenção da unidade do grupo.

8º) No grupo, a palavra mais importante que deve existir é: “NÓS”.

7. PLANEJAMENTO

Adelaide L. Gonçalves

1. CURRÍCULO

O que é currículo?

“É a previsão global e sistemática de toda ação a ser desencadeada pela escola de acordo com os objetivos educacionais, tendo por foco o aluno.” (Turra, p.17, 1986).

Portanto este nível de planejamento é relativo à escola. Através dele são estabelecidas as linhas mestras que norteiam todo o trabalho.

2. PLANEJAMENTO DIDÁTICO

2.1 - IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO

O conceito de planejamento implica a existência de uma atitude com relação ao trabalho a desenvolver, a qual envolve reflexão sobre uma determinada realidade, ação sobre esta realidade, reflexão sobre os resultados obtidos e volta à ação. Essas medidas favorecem a passagem gradativa de uma situação existente para uma situação desejada.

2.2 - CONCEITO

Assim, vemos que planejamento é:

“A previsão metódica de uma ação a ser desencadeada e a racionalização dos meios para atingir os fins.” (Turra, p. 13, 1986).

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui a previsão, organização e coordenação das atividades didáticas em face dos objetivos propostos.

O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

“Planejar o ensino é prever os objetos a alcançar, como alcançá-los e os recursos a utilizar.” (Marcozzi, A. M.)

O planejamento bem elaborado garante maior segurança ao trabalho do professor e melhor rendimento por parte dos alunos.

Além disso, prevê uma sequência no trabalho. Assim o melhor planejamento garante a continuidade da experiência.

É importante ressaltar que nenhum planejamento pode ser rígido. Frequentemente ocorrem circunstâncias que ensejam modificações, acréscimos, substituições. Isto pode ser efetivado graças à flexibilidade, característica essencial de qualquer planejamento.

Deve-se considerar, ainda, a importância de fundamentar o planejamento nas condições do grupo e na realidade imediata em que ele deverá se efetivar, conferindo-lhe objetividade e realismo.

Finalmente, é preciso levar em conta as necessidades e os interesses dos alunos, que, bem entendidos, terão oportunidade de desenvolver suas personalidades, refletindo, assim, a característica de validade psicológica do planejamento.

De acordo com o professor Nélio Parra, no processo de planejamento, procura-se responder às seguintes perguntas:

- O que pretendo alcançar?
- Em quanto tempo pretendo alcançar?
- Como posso alcançar isto que pretendo?
- O que fazer e como fazer?
- Quais os recursos necessários?
- O que e como analisar a situação a fim de verificar se o que pretendo foi alcançado?

2.3 - TIPOS DE PLANEJAMENTO ESCOLAR:

O planejamento na esfera da educação e do ensino se realiza em vários níveis que variam em abrangência e complexidade.

- Planejamento Educacional ou de um Sistema Educacional (MEC)
- Planejamento Escolar ou geral das atividades de uma escola
- Planejamento Curricular ou de Currículo
- Planejamento de Ensino ou Didático

Então, na área da educação temos os seguintes tipos de planejamento:

.....	Consiste na tomada de decisões sobre a educação no conjunto do desenvolvimento geral do país. A elaboração desse tipo de planejamento requer a proposição de objetivos a longo prazo, que definam uma política da educação. Como exemplo, temos a LDB.
.....	Consiste na definição dos objetivos finais, do conteúdo básico e delimitação dos métodos, estratégias de avaliação e recursos que serão utilizados, levando em conta a realidade de cada escola.
.....	Consiste na especificação do planejamento de currículos, traduzindo em termos mais concretos e operacionais o que o professor fará na sala de aula. É o plano de aula.

O Planejamento de Ensino ou Didático é desdobrável em três tipos diferenciados por seu grau crescente de especificidade:

- Planejamento de Curso
- Planejamento de Unidade Didática ou Unidade de Ensino
- Planejamento e Aula

Planejamento de Curso:

É a previsão do trabalho docente e discente durante certo período, geralmente durante um ano ou semestre letivo, incluindo os objetivos, os conteúdos de cada tema, as estratégias a serem utilizadas e a duração provável de cada unidade. Deve ser preparado antes da realização do curso.

Planejamento de Unidade Didática ou Unidade de Ensino:

Planejamento parcial, referindo-se a um único assunto. Inclui também objetivos e conteúdos etc. Cada unidade servirá de apoio para a unidade seguinte. O Plano de Unidade é feito ao longo do curso.

Planejamento e Aula:

Planejamento detalhado e pormenorizado, referente ao assunto que se abordará em cada aula. Inclui também objetivos, incentivação etc. Este tipo de planejamento deve ser feito ao longo de todo o curso, à medida que as aulas se sucedem.

2.4 - FUNÇÕES DO PLANEJAMENTO DA AÇÃO DIDÁTICA:

Prever as dificuldades que podem surgir durante a ação docente para poder superá-las com economia de tempo.

Evitar a repetição rotineira e mecânica de cursos e aulas.

Adequar o trabalho didático aos recursos disponíveis e às reais condições dos alunos.

Adequar os conteúdos, as atividades e os procedimentos de avaliação aos objetivos propostos.

Garantir a distribuição adequada do trabalho em relação ao tempo disponível.

2.5 - FASES DO PLANEJAMENTO ENSINO:

Os professores, para efetivarem com propriedade seu trabalho, necessitam realizar uma previsão básica da ação a ser empreendida. Isso os levará a refletir o seu trabalho e buscar aprimorá-lo, atingindo estágios mais significativos.

As fases são:

PREPARAÇÃO: Nesta fase são previstos todos os passos que concorrem para assegurar a sistematização, o desenvolvimento e a concretização dos objetivos previstos (evolui conhecimento da realidade e elaboração do plano).

DESENVOLVIMENTO: A ênfase recai na ação do aluno e do professor. Gradativamente o trabalho desencadeado desenvolve e aprimora níveis de desempenho.

APERFEIÇOAMENTO: Envolve a testagem e a determinação da extensão do alcance dos objetivos. Estes procedimentos de avaliação permitem os ajustes que se fizerem necessários à consecução dos objetivos.

2.6 - ETAPAS DE PLANEJAMENTO DE ENSINO:

a) **CONHECIMENTO DA REALIDADE** — para poder planejar adequadamente é preciso conhecer o aluno e seu ambiente. Fazendo isso,

estaremos fazendo uma sondagem: isto é, buscando dados para chegar à uma conclusão, que constitui o diagnóstico .

b) **ELABORAÇÃO DO PLANO** – a partir dos dados fornecidos pela interpretação do diagnóstico, temos condições de estabelecer o que é possível alcançar, como fazer para alcançar e como avaliar os resultados.

Por isso, passamos a elaborar o plano através dos seguintes passos:

- Determinação dos objetivos;
- Seleção e organização dos conteúdos;
- Seleção e organização dos procedimentos de ensino;
- Seleção de recursos;
- Seleção de procedimentos de avaliação: e
- Estruturação do plano de ensino.

c) **EXECUÇÃO DO PLANO** – consiste no desenvolvimento das atividades previstas. Na execução, sempre haverá o elemento não plenamente previsto. Isso é normal, e não dispensa o planejamento, pois, uma das características de um bom planejamento deve ser a flexibilidade.

d) **AValiação e APERFEIÇOAMENTO** – ao término da execução do que foi planejado, passamos a avaliar o próprio plano com vistas ao replanejamento.

2.7 - MODELOS DE PLANO DE AULA:

1ª ETAPA: INTRODUÇÃO

Esta primeira etapa da aula destina-se a apresentar ao aluno o que será ensinado, os objetivos que ele deverá atingir e despertar o seu interesse pelo estudo a ser desenvolvido (incentivação). Tem a duração de 10% do tempo de aula.

Nesta etapa, devemos:

- Relatar sucintamente a aula anterior (resumo);
- Título e Tópicos da aula;
- Objetivos a serem atingidos pelos alunos (de acordo com o Projeto Específico);
- A incentivação, que é a busca da motivação dos alunos para o que vai ser ensinado.

2ª ETAPA : EXPLICAÇÃO

- É o momento em que o professor/instrutor irá ensinar efetivamente o conteúdo do assunto. Tem a duração de 60% do tempo de aula.

No espaço a ela destinado deve ser apresentado, de uma maneira resumida e esquemática, o que vai ser ensinado, constando assim de um roteiro para o professor/instrutor.

3ª ETAPA: APLICAÇÃO

- É a etapa de aula em que os alunos irão praticar o assunto que acabaram de aprender na explicação. Nesta etapa todos os alunos fazem o exercício proposto pelo professor/instrutor que deve ser essencialmente prático. Tem a duração de aproximadamente de 10% da aula.

4ª ETAPA: VERIFICAÇÃO

- Nesta etapa o professor/instrutor irá avaliar o grau de aprendizagem dos alunos e verificará se os objetivos propostos foram atingidos. Utilizar-se-á de testes, perguntas orais ou tarefas. Duração aproximada de 10% do tempo previsto para aula.

5ª ETAPA : SUMÁRIO

- É a etapa em que se realiza uma revisão das partes mais importantes da aula e/ou pontos de dúvidas dos alunos apresentados na verificação, de modo a reforçar a aprendizagem. Duração aproximada de 10% do tempo previsto para aula.

ESTRUTURA DE UM PLANO DE AULA

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL	ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL	PLANO DE AULA N°
DISCIPLINA:	TEMA DE AULA:	
PROFESSOR:	TURMA:	
MATERIAL NECESSÁRIO: (Recursos instrucionais)	TEMPO ESTIMADO:	
INTRODUÇÃO: Resumo da aula anterior: _____ Tópicos ou conteúdos: Objetivos:		
Introdução: 1ª ETAPA:		
Explicação: 2ª ETAPA:		
Aplicação: 3ª ETAPA:		
Verificação: 4ª ETAPA:		
Sumário: 5ª ETAPA:		
Referência Bibliográfica: Aqui se colocam todos os livros de onde foi retirado o conteúdo da aula.		

2.8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GUAPYASSÚ, Z., GUAPYASSÚ. D.M. da S. & GUAPYASSÚ. D.M. *Conhecimentos Pedagógicos*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Degrau Cultural: 2008.

BAFFI, Maria Adélia Teixeira. O planejamento em educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*, Petrópolis, 2002.

Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam02.htm>>. Acesso em 11/08/2009.

Apostila do curso Exedito de Técnica de Ensino para praças. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil: 2005.

Apostila de Didática Geral. Rio de Janeiro: Curso Adonai: 2008.

8. PROFESSOR HABILITADO, PROFESSOR COMPETENTE

“Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os estatutos e os seus juízos.” (Esdras 7.10)

Priscila L. de Aquino

Como habilitar-se?

- Preparo Espiritual (dispõe o coração)
- Preparo Bíblico (para buscar a Lei do Senhor)
- Preparo Disciplinar (para cumprir)
- Preparo Didático (para ensinar)

PREPARO ESPIRITUAL:

1. Presença do Espírito Santo (Efésios 5.18b; Romanos 8.14 e 16)
2. Oração (Efésios 6.18, 19)
3. Jejum (Atos 13.2)
4. Estudo da Bíblia (Colossenses 3.16)

PREPARO BÍBLICO:

1. Pedir orientação/discernimento ao Espírito Santo (1Coríntios 2.13).
2. Ler o texto bíblico várias vezes e em várias versões (vocabulário, diversas abordagens, adequação) (1Timóteo 4.13, 15 e 16).
3. Ter material de consulta: chave bíblica (Salmo 119.18, 80).
4. Observar a profundidade do texto para extrair suas ideias relevantes (Tiago 1.5).
5. Perguntar ao texto (Salmo 119.104a).
6. Fazer esboço do texto (2Timóteo 2.15).

PREPARO DISCIPLINAR:

1. Sendo um espelho vivo (Filipenses 4.9).

2. Vivendo o que ensinamos (Josué 1.8).
3. Sendo um exemplo vivo (1Timóteo 4.12).
4. Não fugindo às suas responsabilidades (Tito 2.7-8)

Pontualidade	Colaboração
Assiduidade	Lealdade/Fidelidade

PREPARO DIDÁTICO:

1- Dedicção ao preparo ADEQUADO das lições. (Planejamento, Técnicas de Ensino, Orientações, Curriculares da EBD - RIO). (Romanos 12.7)

2- Dedicção para conhecer os alunos. (Romanos 12.15)

Bibliografia:

DORNAS, Lécio. *Socorro/ Sou Professor da Escola Dominical*. 8 ed. Rio de Janeiro: Hagnos, 2002

9. AULA: MEIOS DE ENSINO

Lidiane Albino B. M.
Santos

- **Álbum seriado** - conjunto de folhas, geralmente presas em madeira ou papelão. Nesse conjunto de folhas, um tema é apresentado com frases curtas, palavras-chave, ilustrações, gráficos, mapas, histórias etc.

- **Blocão** - é semelhante ao álbum seriado, só que as folhas vão sendo colocadas à medida que forem utilizadas.



- **Cartaz** - material visual contendo uma mensagem que pode ser expressa por ilustração e/ou complementada por uma frase simples.

- **Flanelógrafo** - consiste em uma prancha rígida que tem um lado revestido de flanela, pelúcia ou feltro, onde são aplicadas figuras com pedaços de lixa ou velcro.

- **Gráfico** - representação visual de dados numéricos.

- **História em quadrinho** - são histórias formadas por sequências de quadros.

- **Ilustração/gravura** - são desenhos, fotografias, símbolos, pinturas etc.

- **Jogo** - atividade física ou mental organizada seguindo regras.

- **Jornal** - periódico impresso, dedicado à divulgação de informações, opiniões etc.

- **Mapa** - representação, em superfície plana e em escala menor, de um terreno, país, território etc.

- **Mural** - conjunto de elementos subordinados a um mesmo tema e dispostos sobre uma superfície, com objetivo de transmitir uma mensagem.

- **Peça teatral** - são histórias representadas por um ou mais participantes e encenadas em um palco.

❖ Referências bibliográficas

LÍGIA, Silva Leite (coord.). PACHO, Cláudia Lopes. AGUIAR, Márcia de Medeiros. SAMPAIO, Marisa Narciso. Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

10. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 1)

1. CONCEITOS E PRINCÍPIOS

Sebastião Bueno

CONSIDERAÇÕES:

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa agradável e perfeita vontade de Deus.” (Rm 12.2)

“O que ensina, esmere-se no fazê-lo.” (Rm 12.7)

“Ensinar é levar alguém a aprender e aprender é modificar-se” (Howard Hendricks).

“Educação religiosa é aperfeiçoar, transformar, edificar, ampliar, desenvolver, enriquecer a vida do indivíduo à luz de sua relação com Deus em Jesus Cristo.” (Gonzalo Baéz-Camargo).

Somos a Igreja, para que ela existe? Ela existe para proclamar o Evangelho. Disse Jesus: “Ide por todo mundo.” (Mc 16.15) – “... e sereis minhas testemunhas... e até aos confins da Terra” (At 1.8). Isso é relevante.

Relevante = de grande valor, conveniente, interessante, importante, aquilo que é necessário (Dicionário Aurélio).

“... mas transformai-vos pela renovação da vossa mente.”

ENSINAR

No seu aspecto mais simples, é comunicar experiência. Adquirem-se experiências através de fatos verdades, doutrinas ou ideias, e ainda, mediante as habilidades de outras pessoas que nos são passadas.

Diz-se que ensinar é despertar a mente da pessoa, para que ela saiba usar de maneira eficiente o seu cérebro, de tal modo que os seus hemisférios, esquerdo e direito, funcionem harmoniosamente.

O QUE É ENSINAR?

- Levar o aluno a descobrir por si a verdade e, quando isso ocorre, o conhecimento é incorporado, torna-se real para a pessoa. E ele saberá usá-lo em qualquer momento.

- Estimular o aluno no seu desenvolvimento intelectual, emocional, espiritual e comportamental, contribuindo, assim, para que o aluno descubra as características de sua personalidade, pelas descobertas de suas próprias verdades.

Creemos que ensinar é mais profundo do que partilhar conhecimento. É levar a pessoa a se motivar e, logicamente, a pensar por si. Induzir a pessoa a pensar por si mesma é uma tarefa delicada em qualquer ensino. Apresentamos abaixo alguns princípios que, se forem bem aplicados, trarão resultados relevantes:

1º PRINCÍPIO:

O aluno deve pensar por si mesmo. Compete ao professor:

- Conhecer o mecanismo de funcionamento do cérebro, salientando que os hemisférios, esquerdo e direito, desempenham funções diferentes, mas que se completam na verdadeira aprendizagem.

- A competência (capacidade) do professor desperta a atenção do aluno, levando-o a usar a inteligência no enriquecimento de novos conhecimentos.

- Quando se aplicam esses conhecimentos no ensino, aquilo que se aprende torna-se mais fácil, em menos tempo e com maior domínio do mesmo. Por estas razões, os psicólogos e pedagogos atuais afirmam: “aprender é ensinar a si mesmo!”.

Diante do exposto, será que o aluno é capaz de compreender a extensão do “aprender é ensinar a si mesmo”, e viver esta realidade em sua vida?

2º PRINCÍPIO:

O que o professor deve ensinar? E, como fazê-lo? Desdobremos este princípio em fases:

- Diagnosticar o que o aluno já sabe.

- Refletir se estes conhecimentos são verdadeiros ou falsos.

- Partindo do conhecimento correto, explicar o novo ou levá-lo a enriquecer o conhecimento fornecido através de pesquisas ou estudos correlatos.

- Capacitar o aluno a encontrar respostas corretas para os novos conhecimentos e a aplicá-los em situações diferentes.

Assim, o seu aluno irá construir o seu pensar, valorizando-se com ele.

3º PRINCÍPIO:

O ensino deve ser adequado a todas as faixas etárias. Refletir:

- Cada faixa etária apresenta a sua particularidade.
- Adequar inteligentemente o novo conhecimento à capacidade do aluno.

A identificação do professor com a realidade do aluno leva-o a trabalhar construtivamente a potencialidade do aluno.

- As habilidades das pessoas são diferentes, trabalhar essas diferenças é construir o hoje do aluno.

4º PRINCÍPIO:

Conhecimento velho mais conhecimento novo devem ser realidades presentes na vida do aluno. Acompanhem as fases abaixo:

- O que diz o velho e o que diz o novo?
- Encaixe do velho e do novo ensino dão a solidez do pensar.

Estimular o aluno a se expressar com suas próprias palavras é fator de domínio do conteúdo.

Colocar em prática as ideias e conhecimentos é a reafirmação de que se aprendeu.

COMO SE APRENDE?

John Dewey (1859-1952), filósofo e educador americano, em seu livro *Experience and Education*, (New York: Collier Books, 1938) afirma que a pessoa aprende através de suas experiências. Para ele, aprender é experimentar, participar, sentir, pensar, resolver, viver, obedecer. A pessoa que se envolve e aprende é ativa; a aprendizagem parte da sua experiência.

Dewey fez uma enorme tentativa de unir teoria e prática, afirmando que a experiência é a base, o princípio e o meio de toda a educação.

Carl Rogers, em suas várias obras, chega ao ponto de dizer que a função do professor é apenas facilitar a aprendizagem e a mudança. A pessoa que aprende é o centro do processo educativo.

O mais importante na vida de uma pessoa é aprender a pensar, e é exatamente o que as escolas deixam de fazer.

Bibliografia:

RIBEIRO, Lair. Coleção: *Como Ter Sucesso*, Editora Três, 1995.

GEORGE, Sherron K. *A Igreja Ensinadora*, Editora Luz para o Caminho, 1993.

PEARLMAN, Myer. *Ensinando com Êxito na Escola Dominical*, Editora Vida, 1995.

HENDRICKS, Howard. *Ensinando para Transformar Vidas*, Editora Betânia, 1991.

GOWDAK. Demétrio & GOWDAK. Luiz Henrique. *Atlas de Anatomia Humana*, Editora FTD.

11. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 2)

1. ENSINO MAIS CENTRADO NO ALUNO

Sebastião Bueno

Como vimos nas explicações anteriores, estamos predispostos a resgatar na criatura humana a “Vida Integral” em seus aspectos cognitivo, emocional e espiritual. No resgate desses aspectos, é necessário deslocarmos o centro do poder decisório para a pessoa integral.

Vamos buscar em Carl R. Roger, em seus livros — *Um Jeito de Ser*, e *Tornar-se Pessoa* — as linhas mestras desta importante concepção:

1º) Ensino mais centrado no aluno – características:

- Criaria um clima de confiança no qual a curiosidade e o desejo natural de aprender poderiam ser alimentados e incentivados.
- Permitiria que os estudantes, o corpo docente e os administradores se engajassem em pé de igualdade num processo ativo de tomada de decisão quanto a todos os aspectos da aprendizagem.
- Desenvolveria um sentido de comunidade, no qual a competição destrutiva de hoje seria substituída pela cooperação, pelo respeito pelo outro e pelo auxílio mútuo.
- Teriam lugar onde os estudantes pregariam para si mesmos e desenvolveriam a autoconfiança e a autoestima.
- Poderia criar uma situação na qual os alunos e professores se descubram cada vez mais como fontes de valores, alcançando a consciência de que o bom da vida é interior, e não depende de fontes externas.
- Nesta esfera educacional, os estudantes poderiam encontrar satisfação na descoberta: intelectual, emocional e espiritual, o que poderia levá-los a se transformarem em eternos aprendizes.

2º) Os fundamentos de uma abordagem centrada no aluno:

❖ Tendências da Abordagem Centrada na Pessoa:

- a) A tendência à realização de uma característica da vida orgânica.
- b) A tendência formativa, característica do Universo como um todo.

Essas tendências constituem a pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa.

❖ CARACTERÍSTICAS da Abordagem Centrada na Pessoa:

- Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras.

Há três condições para se criar um clima facilitador do crescimento:

1ª – Autenticidade, sinceridade ou congruência: viver abertamente os sentimentos e atitudes que fluem nas interações, viver de forma transparente. Deve ocorrer uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo ensinado e o que está sendo vivido.

2ª – Aceitação, interesse ou consideração: esta atitude é importante e grandemente facilitadora de mudanças. Representa uma aceitação incondicional: estimular o aluno a expressar o sentimento que o acompanha: confusão, dificuldades, raiva, coragem, amor ou orgulho.

3ª – A compreensão empática é o terceiro aspecto facilitador da relação estabelecida: captar com precisão os sentimentos e significado das dificuldades apresentadas. Este tipo de escuta ativa é sensível e extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente, com real empatia. E, no entanto, este modo tão especial de ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que existem.

Fontes Bibliográficas:

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Editora Objetiva, 15ª Ed., 1995.

ROGERS, Carl Ranson. *Um Jeito de Ser*, São Paulo: E.P.U., 1983.

Tonar-se Pessoa, São Paulo: Martins Fontes, 4ª Ed., 1991.

12. ATIVIDADE CENTRADA NO ALUNO (Parte 3)

1. PRESSUPOSTOS

Sebastião Bueno

A Abordagem Centrada no Aluno pressupõe alguns parâmetros no ensino, tornando-o interessante, relevante, dinâmico e altamente significativo para o aluno, pois visa a:

- Contribuir de maneira efetiva na construção do seu pensar.
- Incentivar um trabalho integral na aquisição de conhecimentos cognitivos, atitudinais, comportamentais e espirituais.
- Incentivar os educandos a exercitarem a cidadania em todos os seus aspectos.
- Motivar o educando a criar condições próprias de independência, encontrando e construindo o seu caminhar.

Diante do exposto, pode-se estabelecer:

CICLO DE APRENDIZAGEM:

O ciclo de aprendizagem se fundamenta na construção do pensar, tornando-o criativo, participativo e ativo em cada etapa.



ABORDAR - Inicia-se com uma atividade para formar prontidão no estudo. É uma tarefa que leva o indivíduo a PENSAR e a VERBALIZAR os seus pensamentos a respeito do tema.

EXPLORAR - Ao se explorar um tema procura-se dar ao educando a oportunidade de buscar por si o conhecimento. Transfere-se a responsabilidade de aprender para o próprio aluno, sabendo-se que o facilitador só ajuda a encaminhar o assunto.

DESCOBRIR - Quando o aluno sente que a abordagem tem um sentido real para si, ele se encaminha com maior prontidão a explorar o tema, tornando-se mais receptivo na descoberta das verdades do tema, descortina-se em consequência um vasto horizonte no ciclo da aprendizagem.

ASSUMIR RESPONSABILIDADE - A abordagem correta leva a uma exploração correta que induz a descoberta certa, no momento certo. Essa estimulação faz muito bem a todo aprendiz, levando-o a motivar-se e a empregar-se com muito maior entusiasmo na execução de suas tarefas.

Este ciclo de aprendizagem merece uma conclusão: desafiar cada aluno a um desenvolvimento: cognitivo, atitudinal, comportamental, emocional e espiritual em todos os momentos de sua vida.

2. COMPLEMENTOS:

Na aprendizagem centralizada no aluno, devemos seguir alguns complementos merecedores de reflexão:

1º - PRÉ-CONDIÇÃO:

Aprender a confiar na competência das outras pessoas de pensar, sentir e aprender por si mesmas. Quando essa pré-condição é assimilada e aplicada, os aspectos que se seguem tornam-se viáveis e reais.

2º - Os facilitadores compartilham, com os alunos, pais e comunidade, a responsabilidade pelo processo de aprendizagem.

3º - Os facilitadores, pelas suas próprias experiências, oferecem recursos de aprendizagem, encorajando o educando a enriquecer o processo com seus conhecimentos e experiências.

4º - Cria-se um clima facilitador da aprendizagem pela evidente atmosfera de autenticidade, interesse e atenção em todos os participantes, levando os educandos a aprender uns com os outros e a tornarem-se tão importante quanto a busca em outras fontes.

5º - O foco da aprendizagem é primordialmente a promoção da continuidade deste. Esse foco visa ao indivíduo como um todo, integral, marcado pelos registros recebidos e colocados em prática no dia a dia da vida.

6º - A disciplina necessária à obtenção das metas dos estudantes é a autodisciplina e é reconhecida pelos alunos como de sua responsabilidade.

7º - A avaliação da extensão e do significado da aprendizagem de cada um é feita primordialmente pelo aluno, embora as autoavaliações possam ser influenciadas e enriquecidas por um feedback cuidadoso de outros membros do grupo ou do facilitador.

8º - Neste clima de promoção do crescimento, a aprendizagem tende a ser mais profunda, processar-se mais rapidamente e ser mais penetrante na vida e no comportamento dos alunos. Ela é fortalecida em decorrência de ser auto escolhida e auto iniciada, pela seriedade com que o aluno encara a aprendizagem de forma global, com sentimentos e paixões, tanto quanto com o intelecto.

3. CONCLUSÕES:

1ª - Ao se aceitar a Abordagem Centrada no Aluno, o professor deve estar ciente de que o seu poder político será reduzido.

2ª - Assimilar que a responsabilidade de aprender é do aluno e que o professor funcionará como facilitador da aprendizagem.

3ª - O deslocamento do poder recai sobre o aluno, pois é ele que mantém o poder para aprender ou não. Aí é que entra a ação do facilitador.

4ª - Aceitar que essa aprendizagem é inovadora, vivencial, onde cada um cria as suas condições de aprendizagem (exemplo: alunos do Liceu).

VALE INDAGAR ENTÃO:
QUEM CONTROLA OS SENTIMENTOS,
O PENSAMENTO, O COMPORTAMENTO E OS VALORES?

5ª - A educação, através desse método, oferece autos conceitos positivos, onde o educando mostra-se mais ativo, com menos problemas disciplinares e com índice menor de faltas. Ele encontra satisfação em trabalhar e seu rendimento torna-se muito superior.

6ª - A educação dentro dessa visão torna-se para todos os seus participantes em:

"A ARTE DE ENSINAR E A ALEGRIA DE APRENDER
- A PEDAGOGIA CENTRADA NO ALUNO".

Fontes Bibliográficas:

Goleman, Daniel. *Inteligência Emocional*. Ed. Objetiva, 15ª Ed., 1995.

Rogers, Carl Ranson. *Um Jeito de Ser*. São Paulo Ed EPU, 1983 e

Rogers, Carl Ranson. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo Martins Fontes, 4ª Ed., 1991

Gangel, Kennet O. e Hendricks, Howard G. – *Manual de Ensino para o Educador Cristão* – 1ª Ed. RJ CPAD 1999.

13. EDUCAÇÃO E QUALIDADE ...

Oportunidade de RE—CRIAR

Elisabete de Oliveira
Gomes – 1993

(Uma abordagem secular – profissional / social)

Hoje, o Boom!... da Qualidade e Produtividade está movimentando instituições e pessoas.

Aqui mesmo na TELERJ só se houve falar, aos quatro cantos, em Qualidade Total, PDCA, MASF, Seminário de Qualidade, Grupos de Cumbuca, Comitê de Qualidade e a grande máxima de que Qualidade se faz através de pessoas e para isso precisamos valorizá-las, educá-las e treiná-las.

O que se vê de interessante nisto tudo é que estamos trazendo para reflexão, discussão uma velha questão que é a Educação.

Outrora, estas reflexões, discussões ficavam restritas à instituição escola e, principalmente para leigos, quando se falava em Educação, pensava-se logo: CRIANÇA/ESCOLA/PAI/PROFESSOR. Desta forma, ela era entendida como restrita aos bancos escolares ou às boas maneiras, passada pelos pais, para se lidar com o outro. Muitas vezes, para que eles não se envergonhassem com os comportamentos dos filhos.

Felizmente, hoje, ela chega à Empresa e o que é mais importante, a todos que a compõem, do Presidente ao servente.

E, neste momento, cabe darmos uma parada para pensar sobre esta chegada da Educação à Empresa.

Será que é só pelo Boom!... da Qualidade e Produtividade?

Será que é a necessidade, nestes tempos modernos, de educar... a nós mesmos e... a nossos subordinados?

Será que é a asfixia do dia a dia que está nos incomodando? A convivência com homens asfixiados que não despertaram, ainda, para os encantos livres da personalidade plenamente realizada?

Portanto, o nosso objetivo é mostrar o que é a Educação, relacioná-la à Qualidade e as questões que as permeiam e:

- Mostrar a importância do desenvolvimento pleno do Indivíduo, repercutindo na Qualidade de vida de Indivíduos, Grupos e Organizações e

- Mostrar a importância da atuação de SUPERVISORES/GERENTES no processo de sua própria Educação e dos seus subordinados.

Mas antes de abordarmos a Educação vamos lembrar alguns conceitos fundamentais de Qualidade no que diz respeito ao Gerenciamento dos Recursos Humanos.



Se nós observarmos estes conceitos, são para a Qualidade de Vida também e não só no trabalho.

MOTIVAÇÃO:

O que é a motivação?

É uma necessidade interna que nos impulsiona a buscar a saciação desta necessidade.

É necessário que o meu empregado esteja motivado e que esteja com suas necessidades satisfeitas.

ENVOLVIMENTO:

Se o meu empregado estiver motivado ele estará interessado, portanto, se envolverá, participará.

AUTONOMIA:

É preciso que haja ESPAÇO para a ação, a atuação.

CRIATIVIDADE:

Em Qualidade te levanta PROBLEMAS (MASP) e se soluciona problemas, portanto, é em momentos de decisão que precisamos ser CRIATIVOS, para escolhermos a melhor alternativa de solução daquele problema.

AUTORIDADE:

Cada supervisor/gerente/subordinado precisa ter PODER sobre a unidade/bancada de trabalho que atua. Ele precisa sentir e agir como se a sua unidade/bancada fosse a sua própria empresa.

RESPONSABILIDADE:

É necessário que cada supervisor/gerente/subordinado esteja comprometido com o que realiza e que assuma os riscos, as consequências e o sucesso.

RECONHECIMENTO;

Cada ser humano tem necessidade de ser reconhecido pelo que realiza, portanto se faz necessário a inclusão de recompensas ao empregado, através de elogios, folgas...

MORAL:

Os seres humanos são insatisfeitos, por natureza. Desta forma não podemos avaliar a MOTIVAÇÃO DE UM GRUPO a partir de um indivíduo. O moral é o nível médio de motivação de um grupo evidenciado por aperfeiçoamento espontâneo, por parte dos empregados, de métodos de trabalho, poucas transferências, poucas licenças...

E a Educação?

EDUCAÇÃO

• SENTIDO AMPLO:
EXISTÊNCIA HUMANA EM TODA A SUA DURAÇÃO E
EM TODOS OS SEUS ASPECTOS.



Ela pode ser focalizada de duas formas:

PONTOS DE VISTA:

• INDIVIDUAL

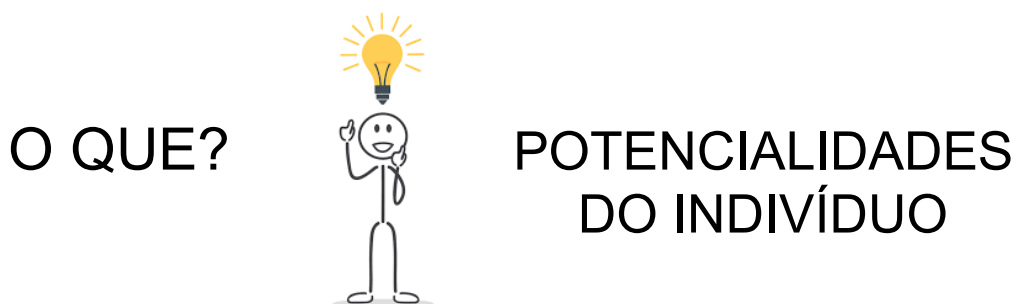
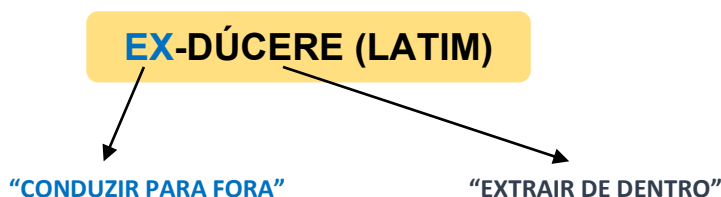


• SOCIAL



a) PONTO DE VISTA INDIVIDUAL

Etimologia da palavra EDUCAÇÃO:



Potencialidades, entendida de forma simples como o DOM, as TENDÊNCIAS, as APTIDÕES de um indivíduo.

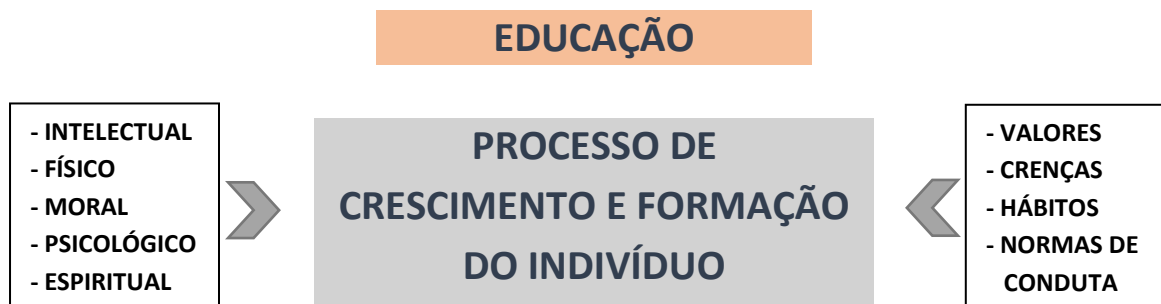
É muito importante que GERENTES/SUPERVISORES estejam atentos, através de observações e experimentações, ao potencial de cada subordinado propiciando o seu desenvolvimento com ambiente estimulador.

b) PONTO DE VISTA SOCIAL



O homem é formado pela sociedade (grupo familiar, de lazer, escolar...) para a sua adaptação a esta sociedade.

Sintetizando:



Há uma influência mútua:

INDIVÍDUO / SOCIEDADE, SOCIEDADE /INDIVÍDUO.

Como?

A sociedade influencia o indivíduo na medida em que o forma com valores, crenças, normas de conduta e hábitos vigentes.

E o indivíduo influencia a sociedade quando ele sente, pensa, toma consciência desses valores, crenças etc. e reformula-os.

Mas, para entendermos os fundamentos desse processo educacional temos o:

CARÁTER HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO É:

- PROCESSO;
- FATO EXISTENCIAL;
- FATO SOCIAL;
- MODALIDADE DE TRABALHO SOCIAL;
- FATO DE ORDEM CONSCIENTE;
- PROCESSO EXPONENCIAL;
- ESSÊNCIA: CONCRETA;
- NATUREZA: CONTRADITÓRIA.

Histórico porque evidencia a história individual de cada ser humano e o momento histórico em que ele vive.

Antropológico porque refere-se às suas origens.

A EDUCAÇÃO É UM PROCESSO...

- DECORRENTE DE UM FENÔMENO
– FORMAÇÃO DO HOMEM
- HISTÓRIA INDIVIDUAL DE CADA SER HUMANO
– CRESCIMENTO
- FASE VIVIDA PELA COMUNIDADE (Continua evolução)
– FORMAÇÃO

Ela é um processo porque não tem início, nem meio, nem fim, está sempre se processando.

A EDUCAÇÃO É UM FATO EXISTENCIAL ...

- MODO COMO O HOMEM SE FAZ SER HOMEM
– CRESCIMENTO

Diz respeito ao nosso EXISTIR no mundo!

A EDUCAÇÃO É UM FATO SOCIAL ...

INCORPORAÇÃO DOS INDIVÍDUOS AO ESTADO EXISTENTE
(Intenção de perpetuidade, de conservação, de estabilidade educacional)

PROGRESSO

(Necessidade de ruptura do equilíbrio presente, de adiantamento, de criação do novo)

SIMULTANEIDADE CONSCIENTE

INCORPORAÇÃO E PROGRESSO



PLENA REALIZAÇÃO DA NATUREZA HUMANA

Aqui temos que exemplificar com o movimento da Qualidade Total:

Precisamos preservar valores, crenças, mas também precisamos mudar, transformar outros valores e crenças.

A Qualidade Total, neste momento está nos convidando a nos transformarmos como seres humanos, a transformar a nossa forma de gerenciar, de administrar Empresas.

A EDUCAÇÃO É UMA MODALIDADE DE TRABALHO SOCIAL...

FORMA PARA O DESEMPENHO DE UMA FUNÇÃO DE TRABALHO
(âmbito da atividade total)

O EDUCADOR É UM TRABALHADOR

EDUCAÇÃO DE ADULTOS – DIRIGE-SE A OUTRO TRABALHADOR

Exemplificamos com o advento da Informática a formação para o desempenho de uma função de trabalho. Quantas transformações trouxe para a nossa vida dentro e fora do trabalho - saldos e extratos bancários - através da interação homem/máquina.

O educador é reconhecidamente um profissional como o é o médico, engenheiro etc.

E na educação de adultos nós lidamos com adultos que têm hábitos, normas de conduta, valores e crenças já formados. Portanto é necessário a troca entre EDUCADOR / EDUCANDO.

A EDUCAÇÃO É UM FATO DE ORDEM CONSCIENTE...

INDIVÍDUOS COM CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE SI E DE SEU MUNDO
(máxima consciência historicamente possível)

É preciso que o processo educacional seja encaminhado para tornar o indivíduo num SER PENSANTE que tenha plena consciência de quem é, do mundo em que vive e o que representa cada papel que desempenha. Isto tudo em consonância com o momento histórico da sociedade em que está inserido.

A EDUCAÇÃO E UM PROCESSO EXPONENCIAL ...

MULTIPLICA-SE POR SI MESMA COM SUA PRÓPRIA REALIZAÇÃO
(jamais está acabada)



É nas relações estabelecidas entre os seres humanos que se dá o processo educacional.

A EDUCAÇÃO É POR ESSÊNCIA CONCRETA...

O QUE A DEFINE É SUA REALIZAÇÃO OBJETIVA CONCRETA
(situações históricas objetivas, conflitos, massa de conhecimentos)

Mais uma vez se enfatiza a **RELAÇÃO** estabelecida entre os seres. Educação não é fazer abstrações e sim concretizações através da **RELAÇÃO**.

EDUCAÇÃO É POR NATUREZA CONTRADITÓRIA...

SIMULTÂNEA CONSERVAÇÃO E CRIAÇÃO DO SABER.

É como já ressaltamos anteriormente, é simultânea incorporação e progresso para **SER**.

Os pilares de sustentação da Qualidade Total são Educação e Treinamento e há muitas dúvidas sobre o que é cada uma, suas diferenças e, portanto, limites.

Antes de apresentarmos as diferenças entre Educação e Treinamento gostaríamos de ressaltar que o Treinamento é uma forma de se fazer Educação. Em vista disso, tudo que apresentaremos a seguir sobre Treinamento é englobado pelos aspectos abordados na Educação.

DIFERENÇAS ENTRE EDUCAÇÃO E TREINAMENTO

EDUCAÇÃO	TREINAMENTO
- FOCO: estabelecimento de uma RELAÇÃO (consigo mesmo e com o outro).	- FOCO: EXERCÍCIO de habilidades de forma contínua, frequente, permanente.
- OBJETIVOS: MEDIATOS	- OBJETIVOS: IMEDIATOS
- PREPARAÇÃO DO INDIVÍDUO: para a VIDA – consciência de si, do outro, do estar inserido (DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA).	- PREPARAÇÃO DO INDIVÍDUO: para a TAREFA , (para o DESEMPENHO DE UM PAPEL).
MODELO: HOLÍSTICO - TUDO tem a ver com tudo.	- MODELO CARTESIANO : O treino de habilidades é por partes.
MECANISMO MENTAL EXIGIDO NO PROCESSO: Conhecimento, Compreensão, Aplicação, Análise Síntese e Avaliação.	- MECANISMO MENTAL EXIGIDO NO PROCESSO : Conhecimento, Compreensão, Aplicação.
AVALIAÇÃO DE RESULTADOS : MEDIATA, no desenrolar da vida, das relações.	- AVALIAÇÃO DE RESULTADOS : IMEDIATA , logo após o treino.

A efetivação dos processos de Educação e Treinamento se dá pela Aprendizagem.

A aprendizagem pode ser compreendida como RESULTADO e como PROCESSO.

Como RESULTADO:

APRENDIZAGEM

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO, MAIS OU MENOS PERMANENTE E QUE OCORRE NA INTERAÇÃO COM O AMBIENTE.

Mudar comportamento significa aquisição novo comportamento.

Exemplo:

Eu não sei andar de bicicleta, passo por um processo de aprendizagem e sei andar de bicicleta – adquiri um comportamento que não tinha.

Saio de uma situação de não capacitação, seja em que percentual for, para uma situação de ESTAR CAPACITADO, DE SER CAPAZ DE...

E, na interação com o ambiente é porque os valores, as crenças, as normas de conduta são passadas de indivíduos para indivíduos e quando os privamos de terem este convívio eles têm pouca ou nenhuma possibilidade de aprendizagem. Pessoas confinadas num quarto-escuro aos poucos vão perdendo suas funções.

Como Processo:



Para explicar este processo (MODELO DE FELA MOSCOVICI) vamos exemplificar com este momento de Qualidade.

Em relação a ATIVIDADE: Estamos vivenciando (VIVÊNCIA) relações de trabalho e situações de aprendizagem onde o foco é a Qualidade. Dentro da concepção de Qualidade visualizamos necessidades de mudanças, transformações em nossa mentalidade como indivíduos e no desempenho dos diversos papéis que desempenhamos na vida, como exemplo o de

GERENTE/SUPERVISOR. Este movimento pode nos fazer sentir ameaçados e nos levar, conseqüentemente ao fechamento. Ou pode ser sentido, por nós, como um DESAFIO e, desta forma, nós nos ENVOLVEMOS, atuando, participando ativamente.

Em relação a ANÁLISE: Paramos para pensar, refletir, analisar os dados, fazemos um Processo diagnóstico. E o que é um Diagnóstico, senão definir problemas, levantar causa(s) provável(eis), vislumbrar soluções (alternativas) e decidir agir ou não agir. Se agir como?

Neste momento que fazemos um processo diagnóstico sobre a implantação de Programas de Qualidade pode se estabelecer, em nós, uma dissonância/uma crise, ou seja, mudar ou não mudar. Está embutida duas crenças que se opõem, mas que visualizamos pontos positivos e negativos em cada uma delas. E como se decidir por uma se percebo que a opção, por qualquer uma implica em PERDAS e GANHOS? É aquele exemplo: casar-se ou ficar solteiro? Há pontos positivos e negativos na opção escolhida.

Além disso, existe outro aspecto a considerar que é o comprometimento – a Responsabilidade. Eu sou responsável por qual opção escolhida – eu necessito assumir os RISCOS e as CONSEQUÊNCIAS.

E aí, até a decisão tomada, se estabelece uma crise, uma cisão interna em mim. Isto pode levar a duas ações: ficar na DEFENSIVIDADE ou CONSCIENTIZAR-ME.

Após resolvida a Dissonância/Crise preciso "arrumar a minha casa interna".

É onde se estabelece a SISTEMATIZAÇÃO CONCEITUAL, o "mapa cognitivo", cada novo valor, crença, conhecimento "municipado" em seu devido lugar.

E, dando prosseguimento ao meu processo interno eu posso também ter dois caminhos me enquistando, negando, ficando rígido ou REFORMULANDO a minha forma de agir.

A reformulação, no exemplo da Qualidade, pode ser eu mudando a minha forma de gerenciar, respeitando o meu empregado em suas diferenças individuais, atendendo suas necessidades motivacionais e propiciando o desenvolvimento de suas potencialidades. Sendo assim eu estabeleço:

CONEXÃO – correlação com o real, onde ainda posso mostrar RESISTÊNCIA À MUDANÇA ou ir em BUSCA DE MUDANÇA, EXPERIMENTANDO e ASSUMINDO RISCOS.

O modelo (Kleber Nascimento) que apresentaremos a seguir é simples, reduzido, mas bastante esclarecedor, no que diz respeito a complexidade da mudança de comportamento – ela não se processa de forma mágica!

PROCESSO QUE CONDICIONA O COMPORTAMENTO HUMANO



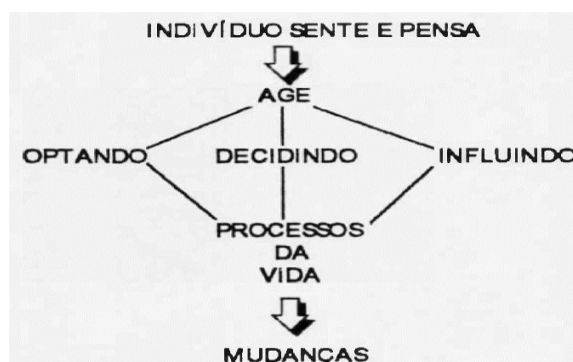
As dimensões – normativa, cognitiva e afetiva – dito de forma simples, é a nossa filosofia de vida, os nossos princípios, ou seja, é a nossa concepção de vida; é como concebo o mundo, as pessoas e as coisas. Esses valores, conhecimentos e necessidades eu vou assimilando-os ou gerando-os ao longo da vida, na relação educacional. Portanto, a minha concepção determina, condiciona as percepções que tenho do mundo, das pessoas, das coisas que por sua vez condiciona, determina a forma como me comporto neste mundo com as pessoas e as coisas.

Exemplo:

Se tenho valores, conhecimentos e necessidades "materialistas", focalizarei a minha percepção, num acidente automobilístico, nos danos ao veículo e o meu comportamento se focalizará em providências ao veículo. Mas se forem "humanistas" a minha percepção e o meu comportamento estarão focalizados e dirigidos para as vítimas.

Então, o que é preciso que fique bem claro é que a MUDANÇA DE COMPORTAMENTO (APRENDIZAGEM) só se dá quando há mudanças na CONCEPÇÃO, ou seja, nos valores, nos conhecimentos e nas necessidades de cada indivíduo.

Desta forma, se queremos implantar e implementar Qualidade Total não poderemos JAMAIS negligenciar este entendimento, porque as pessoas podem até ter percepções novas e diferentes das que tinha, mas só agirão (COMPORTAMENTO) coerentemente com essas novas percepções se mudarem valores, conhecimentos e necessidades.



Ressaltamos, neste momento, que a efetivação da mudança (APRENDIZAGEM) só se dará se o educador (GERENTE/SUPERVISOR) concretizar, na sua atuação prática, as leis da aprendizagem que denominamos princípios da aprendizagem. Se não atentarmos e não praticarmos esses princípios correremos o risco de desrespeitar o processo natural e individual de cada SER aprender (adquirir novos comportamentos, desenvolver-se).



A aprendizagem é:

AUTOAPRENDIZAGEM

Isto significa que o processo de aprender é INTERNO. Ele ocorre dentro de cada indivíduo.

Portanto, para que eu possa ensinar alguma coisa a alguém é como se eu tivesse que "pedir licença" para penetrar em seu interior, pois só ele é responsável pelo que se processará.

A aprendizagem só ocorre quando o indivíduo tiver PRONTIDÃO para realizá-la.

Só quando se está amadurecido, do ponto de vista ORGÂNICO e PSICOLÓGICO é que está PRONTO para aprender.

Exemplo: Uma criança só anda quando a sua estrutura física, química, bioquímica... está PRONTA e quando está se sentindo confiante, segura para andar.

A aprendizagem é MOTIVADA

É necessário que se queira aprender, que exista a NECESSIDADE INTERNA de aprender, pois se o indivíduo quer, tudo acontece, se ele não quer nada acontece (VEJA CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO - MOTIVAÇÃO).

A aprendizagem é um processo GLOBAL

O indivíduo precisa estar inteiro na hora da situação de aprendizagem.

Problemas, preocupações, mal-estar físico ou psicológico fazem com que ele fique disperso, gerando problemas na situação de aprendizagem.

No trabalho é necessário que o GERENTE / SUPERVISOR fique atento a cada subordinado, porque o ENVOLVIMENTO, a PARTICIPAÇÃO, muitas vezes é prejudicada por esses fatores de dispersão.

A aprendizagem se processa de acordo com as DIFERENÇAS INDIVIDUAIS

As pessoas são diferentes em ritmo de aprendizagem, inteligência, capacidades, mesmo que sejam filhos dos mesmos pais e criados no mesmo ambiente.

Portanto, não poderemos comparar as pessoas; querer que em TAREFAS, mesmo as mais simples possíveis, tenham DESEMPENHOS iguais.

A aprendizagem é realizada em PEQUENAS ETAPAS SUCESSIVAS

Não se consegue processar muitas informações, ao mesmo tempo. Numa situação de aprendizagem precisamos passar as informações em doses homeopáticas, para que o aprendiz possa processá-la, segundo a sua característica própria de aprender.

A aprendizagem é um processo CUMULATIVO

Uma aprendizagem nos prepara para outra. Aqui é muito importante que se fique atento aos PRÉ-REQUISITOS, ou seja, eu só posso aprender, por exemplo, a multiplicar, se aprendi a somar.

A aprendizagem será mais SIGNIFICATIVA se for sentida como importante e útil

É necessário que o aprendiz sinta que haverá utilidade, aplicação naquela aprendizagem. Desta forma, ele a sente como importante, adquirindo assim, um significado INTERNO para ele.

Neste momento de implantação e implementação da Qualidade Total é sumamente importante mostrar aos empregados a utilidade e aplicação do que é preconizado na Qualidade Total. Só após eles sentirem a utilidade e importância que se tornará SIGNIFICATIVA para eles.

Enfim, são os porquês, a razão de ser, os ganhos com as transformações que a Qualidade nos convida.

A aprendizagem é mais efetiva quando o indivíduo pode VERIFICAR IMEDIATAMENTE SUA RESPOSTA

Quando o aprendiz está em processo de aprendizagem é muitíssimo necessário mostrar-lhes seus PONTOS FORTES para que ele possa mantê-los e cada vez mais aperfeiçoá-los.

E seus PONTOS FRACOS, para que possamos orientá-lo quanto aos desvios, distorções. E esta ação sendo constante leva-o a se sentir estimulado, cada vez mais, a realizar aprendizagem, a se desenvolver.

ATENÇÃO! ATENÇÃO!

Se queremos implantar e implementar Qualidade Total (QT) na Empresa, jamais deveremos negligenciar, seja no entendimento e na aplicação prática, esses nove princípios da aprendizagem.

O desrespeito a eles significa o desrespeito à base da QT que é a Educação e o Treinamento. E como esses processos se efetivam com a aprendizagem...

GERENTE / SUPERVISOR COMO EDUCANDO

- Querer aprender/desenvolver-se.
- Disponibilidade para desenvolver sua competência interpessoal (COMUNICAÇÃO, NEGOCIAÇÃO, PARTICIPAÇÃO).
- Disponibilidade para o exame conjunto com o outro (CONFLITOS).
- Aceitar as diferenças individuais possibilitando aprender a conviver com a diversidade.
- Disponibilidade para:
 - analisar sua própria realidade pessoal como Educador.
 - examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu desempenho.
- Entender que a fonte de sua aprendizagem é sempre a Sociedade.
- Entender que a educação formalizada não é a única que configura o processo educacional.
- Ser conscientemente participante atividade eminentemente social .
- Ser consciente da posição que ocupa na sociedade.

GERENTE / SUPERVISOR COMO EDUCADOR

- Exercer Liderança.
- Propiciar o desenvolvimento do potencial de cada subordinado.
- Propiciar o atendimento das necessidades motivacionais dos subordinados.
- Treinar.
- Avaliar desempenho dos subordinados constantemente (Pontos Fortes e Fracos).
- Avaliar o nível de Moral do Grupo.
- Manter o fluxo de informações funcionando perfeitamente.

Exercer liderança

Levar a participar e ser participante, levar ao saber ouvir e saber ouvir estimular e se deixar estimular, integrar-se e levar a integração.

Propiciar o desenvolvimento do potencial de cada subordinado

Exercer o seu papel de observador, verificando o potencial de cada subordinado.

Criar clima e ambiente favorável, para que cada subordinado se descubra e se desenvolva.

Não esqueça!

- "Enquanto há vida, há tempo para o desabrochar das potencialidades"

Propiciar o atendimento das necessidades motivacionais dos subordinados

Favorecer reconhecimento, desafios, através de recompensas, elogios.

Treinar

Não delegue a outro o que é seu! Você tem que estar ao lado de cada subordinado orientando, facilitando os exercícios das habilidades necessárias ao desempenho das tarefas.

Avaliar desempenho dos subordinados constantemente (Pontos Fortes e Fracos)

Não deixe para amanhã, o que você pode elogiar e orientar hoje.

Desvios, distorções devem ser corrigidos imediatamente. Fica mais difícil consertar o que já foi aprendido, do que ajustá-lo antes da aprendizagem.

Avaliar o nível de moral do grupo

Verifique constantemente, se seu grupo de subordinados está procurando aperfeiçoar métodos e técnicas; se está ultrapassando, positivamente os limites de suas orientações. Está com poucos pedidos de transferência, de idas ao serviço médico etc.

Manter o fluxo de informações funcionando perfeitamente

Empregados informados tem mais probabilidade de não se sentirem ameaçados, de não se fecharem, de não resistirem às mudanças, de não sabotarem processos.

A RELAÇÃO EDUCACIONAL É ESSENCIALMENTE RECÍPROCA. É UMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS. UM DIÁLOGO NO QUAL NÃO HÁ DESIGUALDADE ESSENCIAL ENTRE DOIS SERES, MAS UM ENCONTRO AMISTOSO PELO QUAL UM E OUTRO SE EDUCAM RECIPROCAMENTE.

É UM ENCONTRO DE CONSCIÊNCIAS!

.....

PARA VOCÊ ME EDUCAR

*Você precisa me conhecer, precisa saber de minha vida,
meu modo de viver e sobreviver;
conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio
e às quais me agarro nos momentos de solidão, desespero, sofrimento.
Precisa saber e entender as verdades, pessoas e fatos
aos quais eu atribuo forças superiores às minhas
e aos quais me entrego quando preciso ir além de mim mesmo.*

PARA VOCÊ ME EDUCAR

*precisa me encontrar lá onde eu existo.
Quer dizer, no coração das coisas,
nos mitos e nas lendas, nas cores e movimentos,
nas formas originais e fantasias, na Terra, nas estrelas,
nas forças dos astros, do sol e da chuva.*

PARA ME EDUCAR

*você precisa estar comigo onde eu estou,
mesmo que você venha de longe e que esteja muito adiante.
Só há um adiante para mim:
aquele que eu construo e conquisto.
Só há uma forma de construí-lo:*

*a partir de mim mesmo e do meio em que vivo.
PARA VOCÊ ME EDUCAR
precisa compreender a cultura do contexto
em que se dá meu crescimento.
Pois suas linhas de força são as minhas energias.
Suas crenças e expectativas são as que passam a construir
o meu credo e as minhas esperanças.
Mas eu também estou aberto para as outras culturas.
Identidade cultural não significa
prisão ao espaço que ocupo,
mas abertura ao que é autenticamente nosso
e ao que, vindo de fora, nos pode fazer mais nós mesmos.
A cultura universal é produto de todos os homens.
Mas como posso contribuir com essa fraternidade
se não constituí o meu eu
e não tenho minha expressão cultural própria?
A educação que eu necessito
é aquela que me faz mais eu,
que desperta, do mistério do meu ser,
as potencialidades adormecidas,
é uma educação que promove minha identidade pessoal.
Eu meu educo fazendo cultura e nesse ato de geração cultural
eu construo minha educação conquisto o meu ser,
na relação dialógica HOMEM / NATUREZA”
(Vital Didonet)*

14. ANOTAÇÕES DE PALESTRAS

Registramos, a seguir, as anotações pessoais feitas a partir de palestras ministradas. Isentamos os palestrantes nominados em cada uma delas da responsabilidade pelo conteúdo apresentado, considerando que este retrata o entendimento do ouvinte e não necessariamente a intenção do ministrante.

14.1 MOTIVAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO NO ENSINO DA EBD

Educação Cristã:

- Processo de formação e transformação de uma pessoa.

Rev André Mello
(22/03/1997)

- Por que você ensina? Qual a motivação?

1ª Motivação: quando ensinamos, levamos o ser humano de volta ao convívio com o seu Criador (Gn 1).

2ª Motivação: Somos cooperadores de Deus. Deus é quem motiva o seu povo para o ensino na igreja (1Co 3.6-9).

3ª Motivação: É o amor que nos constringe a ensinar. O professor tem que preparar o aluno para a sua missão.

Aprendizagem Significativa

- Ensino cognitivo (desde criança até adulto). O ensino de dados parte da inteligência racional.

- Ensino emocional. É o que modifica as pessoas, porque mexe com o ser das pessoas.

• Eu não posso ensinar a outra pessoa a maneira de ensinar. Ninguém ensinou a este indivíduo o que mais se pode fazer – Mt 19.16-22.

• Aquilo que se pode ensinar não tem grandes consequências sobre o comportamento. Não podemos passar os sentimentos, o que nos move.

• O comportamento é influenciado pelo aprendizado autodescoberto, auto apropriado. O ensino só vai fazer sentido quando eu tomar consciência.

O aprendizado tem começo, mas não tem fim, pois é um processo.

Lucas 24.30-32 – Os discípulos a caminho de Emaús. Eles tiveram que descobrir por si mesmos quem era Jesus. É o autodescoberto – Viram que Jesus fazia parte da vida deles.

- Um conhecimento autodescoberto não pode se comunicar diretamente a outra pessoa.

Não posso ensinar uma pessoa a ser cristã. Ninguém pode passar sua visão para outra pessoa. Você não pode fazer a outra pessoa se apaixonar.

- Para aprender preciso abandonar minhas defesas e tentar compreender a experiência da outra pessoa. Posso me machucar ao tirar as defesas, mas ganho amor pela outra pessoa. Jesus sempre quebrou as defesas das pessoas:

Mulher samaritana (João 4.7-9 e 16-18):

- Conversar com mulher.
- Ir ao poço somente para mulheres.
- Não critica a mulher, somente comenta sobre sua situação.
- Aceitou esta mulher como era (João 8.10-11).
- Compreendeu as duas e trabalha com elas – Marta e Maria (Lc 10.38-42).

- Para aprender preciso confessar as minhas próprias dúvidas e compreender minha vida (Mc 14.32-36; Jó 10.2 e 7).

Educação Significativa

- Como poderei criar uma relação de ajuda?
- Poderei ser merecedor de confiança? (confiança de forma flexível)
- Poderei ser suficientemente expressivo para me comunicar sem ambiguidades? (Se a matéria é chata o professor pode falar que é chata mesmo – não posso ser ator dos meus sentimentos – fachada – não posso ser falso aos olhos dos outros)
- Serei capaz de ter uma atitude positiva para com o outro?

Jesus não criticou, deu uma nova direção ao jovem (Mt 19.21).

Desce depressa que eu quero ir à sua casa – atitude de perdão de Jesus (Lc 19.1-10)

- Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Primeiro tenho que me amar.

14.2 UMA DIDÁTICA PARA A EBD

Solange Brasileiro
(29/04/2001)

“O que ensina esmere-se no fazê-lo” (Rm 12.7)

Pilares da Educação:

- ✍ Aprender a conhecer
- ✍ Aprender a aprender
- ✍ Aprender a fazer
- ✍ Aprender a conviver
- ✍ Aprender a ser

Ênfase na EBD no planejamento da Igreja.

Criação de situações para aprendizagem, para a mudança de comportamento.

Motivos para o envolvimento com o ensino:

- ⇒ Predisposição para realizar (interior).
- ⇒ Incentivação (vem de fora)

A Escola Bíblica Dominical é:

- ⊙ Amiga da Infância
- ⊙ Inspiração da Mocidade
- ⊙ Força da Maturidade
- ⊙ Conforto da Velhice

DIDÁTICA

Não basta pensar no conteúdo.

1. Conhecimento geral, do mundo e seus acontecimentos. Embasamento cultural.
2. Conhecimento do nosso conteúdo específico – a Bíblia.
3. Conhecimento de Pedagogia.
 - ◆ Como acontece a educação
 - ◆ Psicologia do aprendizado por idade
 - ◆ Sociologia
 - ◆ Filosofia
 - ◆ História da Educação

Conceito:

“Conjunto de princípios, normas, métodos e técnicas que devem regular qualquer tipo de ensino, para qualquer tipo de aluno.”

Objetivos:

Valorização da Escola Bíblica Dominical.

1. Conquistar o pastor (envolver).
2. Conscientizar os pais.
3. Despertar a mocidade.
4. Motivar os professores.
5. Promover a EBD.

Superintendente – Identificar, Colaborar e Orar.

Momentos didáticos:

- ☞ Conhecimento de Deus.
- ☞ Conhecimento de Jesus.
- ☞ Conhecimento da Igreja (estrutura, doutrinas).
- ☞ O professor é o orientador. O aluno tem que ter participação ativa no processo.

- ⊙ Planejamento
- ⊙ Execução
- ⊙ Avaliação

14.3 O SUPERINTENDENTE EFICAZ

Pr Claudio Marra
(30/04/2001)

1. Procura rapidamente tomar pé da situação (Ne 2.11-15)
2. Procura ampliar seus conhecimentos na área de ensino.
 - Não precisa ser pedagogo, mas precisa se inteirar.
 - Como é a biblioteca dele (2Tm 4.13).
3. Coordena o desenvolvimento de um programa de ensino para a EBD.
4. Programa o treinamento dos professores.
 - Quando a crise se estabelece, prenda-se ao essencial.
5. Supervisiona a aplicação do programa, bem como o uso do material e dos recursos pedagógicos adotados.
6. Promove reuniões de avaliação (Lc 9.10).
7. Delega responsabilidades (Moisés e Jetro).
8. Pastoreia os professores e colaboradores.

14.4 A CRIANÇA E A ESCOLA, NO SÉC XXI

Viviane Santos
(30/10/2004)

1. O conteúdo é o mesmo, a bíblia; os métodos precisam ser aperfeiçoados.
2. A criança que participa, constrói junto, se motiva, aprende.
3. A motivação, através do elogio, quebra barreiras no relacionamento aluno x professor.
4. No ensino da lição priorize os conceitos fundamentais, no início da aula. Se o tempo não der para tudo o que você preparou, pelo menos os conceitos básicos você passou.
5. Os pais devem motivar seus filhos para participarem da EBD. Eles são os responsáveis pela educação dos seus filhos.
6. Uma criança convidou outra para a EBD. Hoje, toda a família está na igreja.
7. A melhor pedagogia é aquela centralizada no aluno. Professor é um facilitador, amigo, companheiro, um ombro amigo.
8. O presbítero Donald tinha um caderno com os dados dos seus alunos. Quando faltavam, ligava para eles.
9. A mensagem que fica não é aquela que passa de mente para mente, mais de coração para coração.

15. FRASES

“Devemos ser sempre alunos, num processo contínuo de aprendizagem, mas, também, temos que ser educadores.”

“A educação cristã começa em casa, na vivência do lar; a igreja só orienta e complementa.”

“O ensino só tem razão de ser se mudar conceitos e transformar comportamentos.”

“Deus está mais interessado com o quanto nós praticamos do que sabemos, do que com o quanto nós sabemos.”

“Quando se trata de vidas Deus é um artesão e não um industrial. Deus quer nos moldar e nos preparar usando o tempo que for necessário.”

“O instrumento de avaliação (prova) tinha por objetivo medir a capacidade do aluno em repetir o conteúdo passado pelo professor (capacidade de decorar).”

“Conheça seu público-alvo. Não adianta trazer respostas prontas a perguntas que não se fazem há mais de trinta anos.”

“Conquiste o direito de ser ouvido.”

16. AVALIAÇÃO (Modelo)

Modelo de formulário para avaliação de Encontro de Professores da EBD.

FICHA DE AVALIAÇÃO

Este nosso trabalho necessita de sua cooperação, para juntos, estabelecermos nossos rumos nos nossos futuros encontros.

1º ITEM: Caminhos e perspectivas da Educação Cristã, vis a vis Educação Secular.

- 1) Como você vê a Educação Cristã no contexto da “mesa redonda”? _____
- 2) Você acrescentaria novos elementos para trabalharmos? _____
- 3) A nossa Escola Bíblica Dominical atende os processos dinâmicos oferecidos pela Educação Secular? _____
- 4) Que sugestões você daria para enriquecermos as atividades da Educação Cristã na Igreja? _____
- 5) Você está disposto a cooperar ativamente na Dinamização do Ensino Cristão na Igreja? _____
- 6) Que tipo de cooperação podemos ter de você? _____

2º ITEM: Apresentação do Plano – Fundamentos Gerais.

- 7) Como você vê os nossos planos? _____
- 8) Há alguma contribuição adicional que gostaria de apresentar? _____
- 9) Você trabalharia com a equipe no enriquecimento deste trabalho? _____

3º ITEM: Perspectivas de mudança e organização

- 10) Você formaria conosco um Grupo de Trabalho, na implementação dessas mudanças? _____
- 11) O novo sempre causa preocupação, mas juntos, com esforço, dedicação e entusiasmo e o apoio do Espírito Santo, sairemos vitoriosos. Você pensa assim? _____
- 12) Você aceita mudanças? SIM () NÃO ()
- 13) Você é capaz de se modificar? SIM () NÃO ()

Estamos planejando cursos para professores de adolescentes e adultos, e de reciclagem de professores, uma vez por mês. Você deseja participar de algum deles? _____

O que você gostaria de acrescentar na programação de nossos futuros encontros? _____



**Edição Revisada
JUL/2022**